

A Gênese



Allan Kardec

PARTE III – As predições segundo o Espiritismo
CAPÍTULO XVII – Predições do Evangelho

Índice

Assunto	Origem	Pagina
I – Ninguém é profeta em sua terra	A Gênese	04
Parentes impertinentes	Evangelho e família	06
Ninguém é profeta em sua terra	DM Estudos Espíritas	07
II – Morte e paixão de Jesus	A Gênese	08
A causa da paixão do Cristo	O Consolador	09
III – Perseguição aos apóstolos	A Gênese	10
Os apóstolos do Cristo	O Consolador	11
IV – Cidades impenitentes	A Gênese	12
Cidades impenitentes	DM Estudos Espíritas	13
V – Ruína do Templo e de Jerusalém	A Gênese	14
Ruína do Templo e de Jerusalém	DM Estudos Espíritas	15
VI – Maldição contra os fariseus	A Gênese	16
O Reino de Deus, na visão do filósofo Herculano – O Exemplo	O Reino	17
VII – Minhas palavras não passarão	A Gênese	19
Como o Espiritismo vê Jesus e a moral cristã	O Consolador	20
VIII – A pedra angular	A Gênese	24
Revelação: a pedra fundamental	O Consolador	25
IX – Parábola dos vinhateiros homicidas	A Gênese	27
Parábola dos vinhateiros homicidas	DM Estudos Espíritas	29
X – Um só rebanho e um só pastor	A Gênese	30
Caridade	O Consolador	32
XI – Advento de Elias	A Gênese	33
A equipe espiritual de Jesus	O Consolador	34
João Batista, o precursor	O Consolador	35

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

XII – Anunciação do Consolador	A Gênese	37
O Cristo Consolador	Estudo Aprofundado da Doutrina Espírita	39
XIII – Segundo advento do Cristo	A Gênese	41
Segundo advento do Cristo	O Consolador	43
XIV – Sinais precursores	A Gênese	47
A Gênese (58)	O Consolador	50
XV – Vossos filhos e vossas filhas profetizarão	A Gênese	53
Nova ordem	DM Estudos Espíritas	54
XVI – Juízo final	A Gênese	55
Como o Espiritismo vê o “fim do mundo?”	O Consolador	57

Parte III – As predições segundo o Espiritismo

Capítulo XVII – Predições do Evangelho

I – NINGUÉM É PROFETA EM SUA TERRA

1. Tendo vindo à sua terra natal, instruía-os nas sinagogas, de sorte que, tomados de espanto, diziam: Donde lhe vieram essa sabedoria e esses milagres? — Não é o filho daquele carpinteiro? Não se chama Maria, sua mãe, e seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? Suas irmãs não se acham todas entre nós? Donde então lhe vêm todas essas coisas? — E assim faziam dele objeto de escândalo. Mas, Jesus lhes disse: Um profeta só não é honrado em sua terra e na sua casa. — E não fez lá muitos milagres devido à incredulidade deles. (S. Mateus, 13:54-58.)

2. Enunciou Jesus dessa forma uma verdade que se tornou provérbio, que é de todos os tempos e à qual se poderia dar maior amplitude, dizendo que ninguém é profeta em vida. Na linguagem usual, essa máxima se aplica ao crédito de que alguém goza entre os seus e entre aqueles em cujo seio vive, à confiança que lhes inspira pela superioridade do saber e da inteligência. Se ela sofre exceções, são raras estas e, em nenhum caso, absolutas. O princípio de tal verdade reside numa consequência natural da fraqueza humana e pode explicar-se deste modo:

O hábito de se verem desde a infância, em todas as circunstâncias ordinárias da vida, estabelece entre os homens uma espécie de igualdade material que, muitas vezes, faz que a maioria deles se negue a reconhecer superioridade moral num de quem foram companheiros ou comensais, que saiu do mesmo meio que eles e cujas primeiras fraquezas todos testemunharam. Sofre-lhes o orgulho com o terem de reconhecer o ascendente do outro.

Quem quer que se eleve acima do nível comum está sempre em luta com o ciúme e a inveja. Os que se sentem incapazes de chegar à altura em que aquele se encontra esforçam-se para rebaixá-lo, por meio da difamação, da maledicência e da calúnia; tanto mais forte gritam, quanto menores se acham, crendo que se engrandecem e o eclipsam pelo arruído que promovem.

Tal foi e será a História da Humanidade, enquanto os homens não houverem compreendido a sua natureza espiritual e alargado seu horizonte moral. Por aí se vê que semelhante preconceito é próprio dos espíritos acanhados e vulgares, que tomam suas personalidades por ponto de aferição de tudo.

Doutro lado, toda gente, em geral, faz dos homens apenas conhecidos pelo espírito um ideal que cresce à medida que os tempos e os lugares se vão distanciando. Eles são como que despojados de todo cunho de humanidade; parece que não devem ter falado, nem sentido como os demais; que a linguagem de que usaram e seus pensamentos não de ter ressoado constantemente no diapásão da sublimidade, sem se lembrarem, os que tal imaginam, que o espírito não poderia permanecer constantemente em estado de tensão e de perpétua superexcitação.

No contacto da vida privada, vê-se por demais que o homem material em nada se distingue do vulgo. O homem corpóreo, que os sentidos humanos percebem, quase que apaga o homem espiritual, do qual somente o espírito se percebe. De longe, apenas se vêem os relâmpagos do gênio; de perto, veem-se as paradas do espírito.

Depois da morte, nenhuma comparação mais sendo possível, unicamente o homem espiritual subsiste e tanto maior parece, quanto mais longínqua se torna a lembrança do homem corporal. É por isso que aqueles cuja passagem pela Terra se assinalou por obras de real valor são mais apreciados depois de mortos do que quando vivos.

São julgados com mais imparcialidade, porque, já tendo desaparecido os invejosos e os ciosos, cessaram os antagonismos pessoais. A posteridade é juiz desinteressado no apreciar a obra do espírito; aceita-a sem entusiasmo cego, se é boa, e a rejeita sem rancor, se é má, abstraindo da individualidade que a produziu. Tanto menos podia Jesus escapar às consequências deste princípio, inerente à natureza humana, quanto pouco esclarecido era o meio em que ele vivia, meio esse constituído de criaturas votadas inteiramente à vida material.

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

Nele, seus compatriotas apenas viam o filho do carpinteiro, o irmão de homens tão ignorantes quanto ele e, assim sendo, não percebiam o que lhe dava superioridade e o investia do direito de os censurar. Verificando então que a sua palavra tinha menos autoridade sobre os seus, que o desprezavam, do que sobre os estranhos, preferiu ir pregar para os que o escutavam e aos quais inspirava simpatia.

Pode-se fazer idéia dos sentimentos que para com ele nutriam os que lhe eram aparentados, pelo fato de que seus próprios irmãos, acompanhados de sua mãe, foram a uma reunião onde ele se encontrava, para dele se apoderarem, dizendo que perdera o juízo.

(S. Marcos, 3:20-21 e 31 a 35. — O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XIV.)

Assim, de um lado, os sacerdotes e os fariseus o acusavam de obrar pelo demônio; de outro, era tachado de louco pelos seus parentes mais próximos. Não é o que se dá em nossos dias com relação aos espíritas? E deverão estes queixar-se de que os seus concidadãos não os tratem melhor do que os de Jesus o tratavam? O que há de estranhável é que, no século dezenove e no seio de nações civilizadas, se dê o que, há dois mil anos, nada tinha de espantoso, por parte de um povo ignorante.

Evangelho e família

(Adenauer Novaes)

I. Ninguém é profeta em sua terra

Parentes impertinentes

“De fato vos afirmo que nenhum profeta é bem recebido na sua própria terra.”

(LUCAS, 4:24.)

O Cristo nos leva à reflexão ao colocar a má receptividade quando se prega entre os próprios familiares.

Por vezes, a ingratidão surge naqueles que mais foram beneficiados.

Nem sempre conseguem perceber o sacrifício de quem dá ajuda e, às vezes, acham-se no direito de obtê-la.

Exigem cuidados sem que o mereçam.

Outros se aproveitam da boa vontade de quem os ajuda para prevalecer sobre eles e lhes exigir mais ainda.

Quem doa deve fazê-lo sem esperar recompensa alguma, mas deve colocar para seu beneficiário os motivos pelos quais o faz, para que ele adquira a responsabilidade sobre o que recebe.

Porém, não se deve, ao doar algo a alguém, ou lhe dar moradia, interferir por demais no seu livre-arbítrio.

Não se deve impor ao outro uma vida que não lhe pertence.

Querer o bem a alguém é uma coisa, impor-lhe uma vida que não quer viver é outra.

Quem muito dá muito quer em troca e, por isso, muito cobra.

Ao afirmar que ninguém é profeta em sua própria terra, nos chama à compreensão de que não se deve esperar louros ou vitória no campo da gratidão.

A ingratidão só existe para quem cobra reciprocidade pelo que faz, portanto, não se deve criar expectativas à retribuição do outro.

Ser anfitrião para alguém requer educação e boas maneiras, porém, oferecer a própria casa ao outro é não lhe dar a oportunidade de construir a sua própria.

Há limites para o favorecimento à vida do outro e eles estão no direito dele, na capacidade em obter pelo seu próprio esforço e em seu merecimento.

A ingratidão daqueles a quem se ajuda, principalmente aos familiares, não deve ser motivo para que se auxilie mais a estranhos que aos seus.

Quem é bom, o é primeiramente em sua própria casa.

Há pessoas que são muito caridosas com estranhos e ruins em casa, exigindo dos seus o que não fazem para terceiros.

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

Estudos

DM Estudos Espíritas

I. Ninguém é profeta em sua terra

I. Ninguém é profeta em sua terra

Em sua terra natal, Jesus ensinava nas sinagogas.

Comentários eram frequentes – tipo: “Ele não é filho do carpinteiro? - de onde vem esses milagres e tal sabedoria?”

Falavam de sua mãe e de seus irmãos e irmãs – Jesus a este respeito disse: “Um profeta só não é honrado em sua terra e na sua casa.”

O hábito de se conhecerem desde a infância, em todas as passagens, normalmente o povo não reconhece a superioridade de um com quem sempre conviveram.

Normalmente por um simples orgulho, ciúme e inveja.

Aqueles que não conseguem igualar-se normalmente apelam para a difamação, calúnia e tudo que estiver ao alcance para rebaixá-lo.

Enquanto o homem não melhorarem seu horizonte moral e conseguirem entender sua natureza espiritual – esta será a história dos humanos.

Jesus, também teve que arcar com estas consequências – inerentes à natureza humana – visto que o meio onde Ele vivia era pouco esclarecido.

Na sua terra, ele era apenas o filho do carpinteiro.

Tudo isso nos faz perceber os sentimentos que seus parentes tinham com Ele – chegando até a querer capturá-lo dizendo – que tinha perdido o juízo.

De um lado sacerdotes e fariseus – o acusavam de trabalhar para os demônios – e do outro era tido como louco pelos seus próximos.

II – MORTE E PAIXÃO DE JESUS

3. (Após a cura do lunático) — Todos ficaram admirados do grande poder de Deus. E, estando todos presa de admiração pelo que Jesus fazia, disse ele a seus discípulos: Guardai bem nos vossos corações o que vos vou dizer. O Filho do homem tem que ser entregue às mãos dos homens. — Eles, porém, não entendiam essa linguagem; ela lhes era de tal modo, oculta que nada compreendiam daquilo e temiam mesmo interrogá-lo a respeito. (S. Lucas, 9:44-45.)

4. A partir de então, começou Jesus a revelar a seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém; que aí tinha de sofrer muito da parte dos senadores, dos escribas e dos príncipes dos sacerdotes; que tinha de ser morto e de ressuscitar ao terceiro dia. (S. Mateus, 16:21.)

5. Estando na Galiléia, disse-lhes Jesus: O Filho do homem tem que ser entregue às mãos dos homens; — estes lhe darão morte e ele ressuscitará ao terceiro dia, o que os afligiu extremamente. (S. Mateus, 17:21-22.)

6. Ora, indo Jesus a Jerusalém, chamou de parte seus doze discípulos e lhes disse: Vamos para Jerusalém e o Filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte — e o entregarão aos gentios, a fim de que o tratem com zombarias, o açoitem e crucifiquem; e ele ressuscitará ao terceiro dia. (S. Mateus, 20:17 a 19.)

7. Em seguida, tomando de parte os doze apóstolos, disse-lhes Jesus: Eis que vamos a Jerusalém e tudo o que os profetas escreveram acerca do Filho do homem vai cumprir-se — porquanto ele será entregue aos gentios, zombarão dele, açoitá-lo-ão e lhe escarrarão no rosto. — Depois que o tiverem açoitado, matá-lo-ão e ele ressuscitará ao terceiro dia. Mas, eles nada compreenderam de tudo isso; aquela linguagem lhes era oculta e não entendiam o que ele lhes dizia. (S. Lucas, 18:31 a 34.)

8. Ora, tendo concluído todos esses discursos, Jesus disse a seus discípulos: Sabeis que a Páscoa se fará daqui a dois dias e que o Filho do homem será entregue para ser crucificado. Ao mesmo tempo, os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram na corte do sumo sacerdote chamado Caifás — e entraram a consultar-se mutuamente, à procura de um meio de se apoderarem habilmente de Jesus e de fazê-lo morrer. — Diziam: É absolutamente necessário que não seja durante a festa, para que não se levante qualquer tumulto no seio do povo. (S. Mateus, 26:1 a 5.)

9. No mesmo dia, alguns fariseus vieram dizer-lhe: Vai-te, sai deste lugar, pois Herodes quer dar-te à morte. — Ele respondeu: Ide dizer a essa raposa: Ainda tenho que expulsar os demônios e restituir a saúde aos doentes, hoje e amanhã; no terceiro dia, serei consumado. (S. Lucas, 13:31-32.)

Crônicas e Artigos

54 – 04/05/2008

O Consolador – (Gerson Simões Monteiro)

A causa da paixão do Cristo

II. Morte e paixão de Jesus

No episódio da crucificação de Jesus, ocorrido há mais de dois mil anos, encontramos a figura de Judas, um dos seus doze discípulos, utilizado maldosamente pelos inimigos do Cristianismo nascente, na trama que culminou com a Sua morte entre dois ladrões.

Agora, analisando bem os fatos que marcam a Paixão de Cristo, você há de convir que Judas foi mais um traído do que propriamente um traidor.

A afirmação tem base no diálogo entre Judas e Tiago, no dia anterior à prisão de Jesus, no qual Judas revela o seu plano de simplesmente apressar o triunfo mundano do Cristianismo, e não o de eliminar seu Mestre, que amava profundamente.

Esta informação nos é prestada pelo Espírito Humberto de Campos no capítulo “A Ilusão do Discípulo”, do livro Boa Nova, psicografado pelo médium Chico Xavier.

Porém, Judas Iscariotes, ao receber do Sinédrio as trinta moedas de prata como pagamento para entregar Jesus, não esperava receber em troca o fel da amarga desilusão, ao ver o Meigo Rabi duramente torturado.

Ao perceber a traição dos fariseus e tocado de arrependimento, Judas procurou de imediato devolver as moedas recebidas, desfazendo o acordo infeliz. Nesta oportunidade, porém, recebeu em troca a expressão de escárnio dos príncipes dos sacerdotes: “Isso é contigo.” Nada mais restava para salvar o Mestre dos Mestres.

Foi então que Judas, depois de assistir de longe a todo o desenrolar das cenas humilhantes do Calvário, levado por tremendo remorso, cometeu o suicídio. Embora tivesse sido movido pela vaidade e pela ambição política, Judas teria sido realmente um traidor caso tivesse arquitetado o plano sinistro da crucificação, coisa que não o fez.

E cá para nós, se ele tivesse o firme propósito de trair o Cristo para eliminá-lo, com o fim de se tornar líder entre seus companheiros, ter-se-ia enforcado? Claro que não, pois não haveria sentido nisso.

Mesmo depois de todos esses acontecimentos, Jesus Cristo, após sua morte na cruz e tocado de infinita compaixão, foi ao encontro do Espírito de Judas, permanecendo três dias ao seu lado até que ele adormecesse, como revela a poetisa desencarnada Maria Dolores no livro Coração e Vida, psicografado pelo médium Chico Xavier.

Só então Jesus apareceu materializado a Maria Madalena, conforme registra o Novo Testamento.

III – PERSEGUIÇÃO AOS APÓSTOLOS

10. Guardai-vos dos homens, porquanto eles vos farão comparecer nas suas assembleias, e vos farão açoitar nas suas sinagogas; e sereis apresentados, por minha causa, aos governadores e aos reis, para lhes servir de testemunhas, bem como às nações. (S. Mateus, 10:17 e 18.)

11. Eles vos expulsarão das sinagogas e vem o tempo em que aquele que vos fizer morrer julgará fazer coisa agradável a Deus. — Tratar-vos-ão desse modo, porque não conhecem nem a meu Pai, nem a mim. — Ora, digo-vos estas coisas, a fim de que, quando houver chegado o tempo, vos lembreis de que eu vo-las disse. (S. João, 16:1 a 4.)

12. Sereis traídos e entregues aos magistrados por vossos pais e vossas mães, por vossos irmãos, por vossos parentes, por vossos amigos e darão morte a muitos de vós. — Sereis odiados de toda gente, por causa de meu nome. — Entretanto, não se perderá um só cabelo de vossa cabeça. — Pela vossa paciência é que possuireis vossas almas. (S. Lucas, 21:16 a 19.)

13. (Martírio de S. Pedro) — Em verdade, em verdade vos digo que, quando éreis mais moços, vos cingíeis a vós mesmos e íeis onde queríeis; mas, quando fordes velhos, estendereis as mãos e outro vos cingirá e conduzirá onde não quereis ir. — Ora, ele dizia isso para assinalar de que morte Pedro havia de glorificar a Deus. (S. João, 21:18-19.)

Crônicas e Artigos

295 – 20/01/2013

O Consolador – (Oswaldo Coutinho)

III. Perseguição aos apóstolos

Os apóstolos do Cristo

Incontestavelmente os apóstolos do Cristo foram homens de luz, que conseguiram desenvolver na Terra uma conduta altruísta e nobre por entender a necessidade de preservar a mensagem do Rabi Galileu.

Simão Pedro – aquele que era considerado pedra e pastor –, João – considerado o discípulo amado –, Thiago, juntamente, com os nove apóstolos restantes eram almas nobres, escolhidas para fazerem parte da programação espiritual do orbe terráqueo, assim servindo de instrumento das cortes celestiais para a iluminação espiritual do planeta.

E, neste contato direto com o Cristo, foram todos beneficiados pelo seu intenso magnetismo, que hauria das resplandecentes energias de Jesus. Narra o Espírito Amélia Rodrigues, no seu livro Quando voltar a primavera, que, ainda sentindo as energias maviosas da presença de Jesus, Matheus Levi começou a escrever o primeiro evangelho – em pergaminhos – sobre a vida de Jesus, aproximadamente nos anos 50 a 55 D.C; Marcos, entre os anos de 55 a 62 D.C, ouvindo as maravilhosas narrações do apóstolo Pedro. Lucas, o médico, escreveu entre os anos de 63 a 67 D.C, através das narrações de Paulo de Tarso e Maria. João só escreveu o seu evangelho místico nos anos 96 a 104 D.C.

Esses homens doaram as suas vidas para que o evangelho fosse o roteiro seguro de iluminação. Como Jesus, eram estoicos, resistiram a todos os matizes possíveis: apedrejamentos, flechas envenenadas, cárceres abarrotados, perseguições à família. Eram vítimas de todas as dores para que a doutrina do Cristo pudesse florescer nos corações dos homens desprevenidos e incautos do caminho. Os seus martírios serviram de exemplos para que a humanidade, ainda indecisa em relação aos verdadeiros valores da vida, tivesse a oportunidade de entender que, para servir Jesus, é necessária uma transformação interior que ilumine e plenifique a alma na sua trajetória espiritual.

Pedro foi crucificado, de cabeça para baixo, porque ele disse que não era digno de morrer na mesma posição de Jesus. O mesmo aconteceu com Tiago. André, diz a tradição, foi ele amarrado a uma cruz em forma de xis. Não foi pregado para que seu sofrimento se prolongasse. Bartolomeu foi esfolado vivo e crucificado de cabeça para baixo.

Outros dizem que teria sido golpeado até a morte. Filipe pregou na Frígia e morreu como mártir em Hierápolis. João, após a sua libertação, teria retornado a Éfeso, e teve morte natural com a idade de 100 anos. Judas Tadeu – que pregou o Evangelho na Mesopotâmia, Edessa, Arábia, Síria e também na Pérsia – foi aí martirizado, juntamente, com Simão, o Zelote.

Judas Iscariotes, filho de Simão, traiu a Jesus por trinta peças de prata, enforcando-se em seguida. Mateus Levi teria morrido como mártir na Etiópia. Paulo foi decapitado em Roma. Simão, o Zelote, julga-se que morreu crucificado. Tiago, o maior, por ordem de Herodes Agripa, foi preso e decapitado em Jerusalém, entre os anos 42 e 44. Tiago, o menor, segundo a tradição, foi martirizado provavelmente no ano 62. Quanto a Tomé, consta que seu martírio se deu por ordem do rei de Milapura, na cidade indiana de Madras, no ano 53 da era cristã.

Busquemos vivenciar os ensinamentos deixados por Jesus. Mergulhemos no mar da imortalidade da alma, aproveitando as maravilhosas lições da Doutrina dos Espíritos, para que as nossas existências sejam um périplo de luz e amor em busca do Cristo.

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

IV – CIDADES IMPENITENTES

14. Começou então a reprochar as cidades onde fizera muitos milagres, por não terem feito penitência. Ai de ti, Corozaim, ai de ti Betsaida, porque, se os milagres que foram feitos dentro de vós tivessem sido feitos em Tiro e em Sídon, há muito tempo teriam elas feito penitência com saco e cinzas. — Declaro-vos por isso que, no dia do juízo, Tiro e Sídon serão tratadas menos rigorosamente do que vós.

E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás sempre até ao céu? Serás abaixada até ao fundo do inferno, porque, se os milagres que foram feitos dentro de ti houvessem sido feitos em Sodoma, esta ainda talvez subsistisse hoje. — Declaro-te por isso que, no dia do julgamento, o país de Sodoma será tratado menos rigorosamente do que tu. (S. Mateus, 11:20 a 24.)

Estudos

DM Estudos Espíritos

IV. Cidades impenitentes

Cidades impenitentes

Começou a censurar as cidades onde fizera muitos milagres, por não terem feito penitência.

“Ai de ti, Corazim, ai de ti Betsaida, porque, se os milagres que foram feitos dentro de vós tivessem sido feitos em Tiro e em Sídon, há muito tempo teriam elas feito penitência com sacos e cinzas. - Declaro-vos por isso que, no dia do juízo, Tiro e Sídon serão tratadas menos rigorosamente do que vós.”

“E tu, Cafarnaum, elevar-te-ás sempre até o céu? Serás abaixada até o fundo do inferno, porque, se os milagres que foram feitos dentro de ti houvessem sido feitos em Sodoma, esta ainda talvez subsistisse hoje. - Declaro-te por isso que, no dia do julgamento, a cidade de Sodoma será tratada menos rigorosamente do que tu.” (Mateus, 11:20 a 24.)

Impenitente: Que persiste nos erros.

Pessoa incapaz de perdoar; sem capacidade de avaliar consequências; incapaz de avaliar e ajudar sentindo-se magoada.

Penitência: são atos como – jejuns, orações, esmolas, vigílias, peregrinações que os fiéis — ou a alguns tipos de religião — oferecem a Deus como provas de que estão arrependidos dos seus pecados; praticados dentre os diversos ramos do cristianismo — de diferentes formas — com a finalidade de expiação dos pecados; tendo o significado de um sacrifício pessoal do fiel, pagando um pecado cometido, ou agradecendo uma graça recebida.

A penitência pode assumir variadas formas, nomeadamente a reparação proporcional do mal feito, a perseverança em orações e na prática das boas obras, a leitura e a meditação de passagens da bíblia, a vigília, a autoflagelação, o jejum e a esmola.

A penitência pode ser definida durante a confissão que é o sacramento pelo qual o fiel se reconcilia com Deus, obtendo o perdão pelos seus pecados.

Primeiro ele deve fazer um exame de consciência, arrepender-se, e depois confessar-se.

No caso da Igreja Católica a confissão é feita a um padre que, segundo a igreja, tem o poder de perdoar em nome de Deus; por fim, cumprir a penitência que lhe é dada, assumindo o propósito de não mais pecar.

V – RUÍNA DO TEMPLO E DE JERUSALÉM

15. Quando Jesus saiu do templo para se ir embora, seus discípulos se acercaram dele para lhe fazerem notar a estrutura e a grandeza daquele edifício. — Ele, porém, lhes disse: Vedes todas estas construções? Digo-vos, em verdade, que serão de tal maneira destruídas, que não ficará pedra sobre pedra. (S. Mateus, 24:1-2.)

16. Em seguida, tendo chegado perto de Jerusalém, contemplando a cidade, ele chorou por ela, dizendo: — Ah! se, ao menos neste dia que ainda te é concedido, reconhecesses aquele que te pode proporcionar paz! Mas, agora, tudo isto se acha oculto aos teus olhos. — Tempo virá, pois, para ti, desgraçada, em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, te encerrarão e apertarão de todos os lados; — em que te deitarão por terra, a ti e aos teus filhos que estão dentro de ti, e não te deixarão pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que Deus te visitou. (S. Lucas, 19:41 a 44.)

17. Entretanto, é preciso que eu continue a andar hoje e amanhã e o dia seguinte, porquanto necessário é que nenhum profeta sofra morte noutra parte, que não em Jerusalém. Jerusalém, Jerusalém — que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes hei querido reunir teus filhos, como uma galinha reúne sob as asas seus pintainhos, e não o quiseste! — Aproxima-se o tempo em que vossa casa ficará deserta. Ora, eu, em verdade, vos digo que doravante não me tornareis a ver, até que digais: Bendito seja o que vem em nome do Senhor. (S. Lucas, 13:33 a 35.)

18. Quando virdes um exército cercando Jerusalém, sabei que está próxima a sua destruição. — Fugam para as montanhas os que estiverem na Judéia, retirem-se os que estiverem dentro dela e nela não entrem os que estiverem na região circunvizinha. — Porquanto, esses dias serão os da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está na Escritura. — Ai das que estiverem grávidas nesses dias, visto que este país será acabrunhado de males e a cólera do céu cairá sobre este povo. — Serão passados a fio de espada; serão levados em cativo para todas as nações e Jerusalém será calcada aos pés pelos gentios, até que se haja preenchido o tempo das nações. (S. Lucas, 21:20 a 24.)

19. (Jesus avançando para o suplício) — Ora, acompanhava-o grande multidão de povo e de mulheres a bater nos peitos e a chorar. — Jesus, então, voltando-se, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos — porquanto virá tempo em que se dirá: Ditosas as estéreis, as entranhas que não geraram filhos e os seios que não amamentaram. — Todos se porão a dizer às montanhas: Caí sobre nós! e às colinas: Cobri-nos! — Pois, se tratam deste modo o lenho verde, como será tratado o lenho seco? (S. Lucas, 23:27 a 31.)

20. A faculdade de pressentir as coisas porvindouras é um dos atributos da alma e se explica pela teoria da presciência. Jesus a possuía, como todos os outros, em grau eminente. Pôde, portanto, prever os acontecimentos que se seguiriam à sua morte, sem que nesse fato algo haja de sobrenatural, pois que o vemos reproduzir-se aos nossos olhos, nas mais vulgares condições. Não é raro que indivíduos anunciem com precisão o instante em que morrerão; é que a alma deles, no estado de desprendimento, está como o homem da montanha (capítulo XVI, nº 1): abarca a estrada a ser percorrida e lhe vê o termo.

21. Tanto mais assim havia de dar-se com Jesus, quanto, tendo consciência da missão que viera desempenhar, sabia que a morte no suplício forçosamente lhe seria a conseqüência. A visão espiritual, permanente nele, assim como a penetração do pensamento, haviam de mostrar-lhe as circunstâncias e a época fatal. Pela mesma razão podia prever a ruína do Templo, a de Jerusalém, as desgraças que se iam abater sobre seus habitantes e a dispersão dos judeus.

V. Ruína do Templo e de Jerusalém

Saindo do Templo, os discípulos cercaram Jesus, com o objetivo de fazê-lo notar o tamanho do edifício.

Ele lhes respondeu: “Vedes todas estas construções? Digo-vos, em verdade, que serão de tal maneira destruídas, que não ficará pedra sobre pedra.” (MATEUS, 24:1 e 2.)

Chegando perto de Jerusalém, contemplando a cidade, Ele chorou por ela, dizendo: “Ah! Se, ao menos neste dia que ainda te é concedido, reconhecesses aquele que te pode proporcionar paz! Mas, agora, tudo isto se acha oculto aos teus olhos. - Tempo virá, pois, para ti, desgraça, em que teus inimigos te cercarão de trincheiras, te encerrarão e apertarão de todos os lados; - em que te deitarão por terra, a ti e aos teus filhos que estão dentro de ti, e não te deixarão pedra sobre pedra, porque não reconheceste o tempo em que Deus te visitou.” (LUCAS, 19:41 a 44.)

“Entretanto, é preciso que eu continue a andar hoje e amanhã e o dia seguinte, porquanto necessário é que nenhum profeta sofra morte noutra parte, que não em Jerusalém.

Jerusalém, Jerusalém! Que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes hei querido reunir teus filhos, como uma galinha reúne sob as asas seus pintinhos, e não o quiseste! - Aproxima-se o tempo em que vossa casa ficará deserta.

Ora, eu, em verdade, vos digo que doravante não me tornareis a ver, até que digais: Bendito seja o que vem em nome do Senhor.” (LUCAS, 13:33 a 35.)

Um dos atributos da alma – a faculdade de pressentir as coisas porvindouras – explicada pela teoria da presciência.

Como todos os outros, Jesus a possuía em grau muito superior aos outros.

Podendo prever os acontecimentos futuros (após sua morte) – não apresentando nada de sobrenatural – não sendo raro pessoas anunciarem fatos vão ocorrer.

A visão espiritual, que Jesus possui-a permanentemente – lhe demonstrava as circunstâncias vindouras – assim como podia prever a ruína do Templo, de Jerusalém e sus habitantes.

VI – MALDIÇÃO CONTRA OS FARISEUS

22. (João Batista) — Vendo muitos fariseus e saduceus que acorriam para ser batizados, ele lhes disse: Raça de víboras, quem vos ensinou a fugir da cólera que há de cair sobre vós? — Produzi então dignos frutos de penitência; não penseis em dizer de vós para convosco: Temos Abraão por pai, porquanto eu vos declaro que Deus pode fazer que destas próprias pedras nasçam filhos a Abraão. — O machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo. (S. Mateus, 3:7 a 10.)

23. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque fechais aos homens o reino dos céus; lá não entraís e ainda vos opondes a que outros entrem! Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que, a pretexto das vossas longas orações, devorais as casas das viúvas; tereis por isso um julgamento mais rigoroso! Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito e que, depois de o haverdes conseguido, o tornais duas vezes mais digno do inferno do que vós mesmos!

Ai de vós, condutores de cegos, que dizeis: Se um homem jura pelo templo, isso nada vale; quem quer, porém, que jure pelo ouro do templo, fica obrigado a cumprir o seu juramento!

— Insensatos e cegos que sois! A qual se deve mais estimar: ao ouro, ou ao templo que santifica o ouro? — Se um homem, dizeis, jura pelo altar, isso nada vale; mas, aquele que jurar pelo dom que esteja sobre o altar fica obrigado a cumprir o seu juramento.

— Cegos que sois! A qual se deve mais estimar, ao dom ou ao altar que santifica o dom? — Aquele, pois, que jura pelo altar jura não só pelo altar, como por tudo o que está sobre o altar;

— e aquele que jura pelo templo jura por aquele que o habita;

— e aquele que jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que aí se assenta.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e que tendes abandonado o que há de mais importante na lei, a saber: a justiça, a misericórdia e a fé! Essas as coisas que deveis praticar, sem, contudo, omitirdes as outras.

— Guias cegos, que tendes grande cuidado em coar o que bebeis, por medo de engolir um mosquito, e que, no entanto, engolis um camelo!

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais por fora o copo e o prato e que estais por dentro cheios de rapina e impureza!

— Fariseus cegos! Limpai primeiro o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de ossadas de mortos e de toda espécie de podridão!

— Assim, por fora pareceis justos, enquanto que, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que erigis túmulos aos profetas e adornais os monumentos dos justos — e que dizeis:

Se existíssemos no tempo de nossos pais, não nos teríamos associado a eles para derramar o sangue dos profetas!

— Acabais, pois, assim, de encher a medida de vossos pais.

— Serpentes, raça de víboras, como podereis evitar a condenação ao inferno?

— Eis que vou enviar-vos profetas, homens de sabedoria e escribas e matareis a uns, crucificareis a outros e a outros açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade — a fim de que recaia sobre vós todo o sangue inocente que há sido derramado na Terra, desde o sangue de Abel, o justo, até o de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o templo e o altar!

— Digo-vos, em verdade, que tudo isso virá recair sobre esta raça que existe hoje.

(S. Mateus, 23:13 a 36.)

Crônicas e Artigos

262 – 27/05/2012

O Consolador – (Maria Eny Rossetini Paiva)

O Reino de Deus, na visão do filósofo Herculano – O Exemplo

VI. Maldição contra os fariseus

Nesta série de estudos sobre o mestre em Filosofia, escritor, literato, jornalista e espírita, Herculano Pires, estamos examinando sua obra “O Reino”, em que nos esclarece a respeito do Reino de Deus que Jesus veio anunciar, vivenciar e exemplificar.

No Capítulo IV, O EXEMPLO, mestre Herculano ensina que O Reino não é privativo de ninguém e que, certa vez, para quebrar a dura cerviz dos fariseus, diante do centurião romano que lhe rogara a cura para seu servo, e a conseguira, Jesus declarou: “Em verdade vos afirmo que não achei tamanha fé em Israel, e que virão muitos do Oriente e do Ocidente para assentar-se à Mesa com Abraão, Isaac e Jacó, no Reino dos Céus”.

Herculano prossegue: “E acrescentou com a dureza de uma martelada na oficina de Nazaré: Mas os Filhos do Reino serão lançados nas trevas exteriores em que haverá choro e ranger de dentes!”

Assim se chamavam os hipócritas de Israel: Filhos do Reino, porque se consideravam mais puros que todos os outros e escolhidos por Deus para julgarem os goyn, os estrangeiros impuros. O Jovem Carpinteiro os ameaçava com as trevas exteriores, com a cegueira da alma que sucede à cegueira da mente, produzida pelo orgulho. E tomava o centurião romano, odiado pelos Filhos do Reino, como exemplo de fé, como tomara o Bom Samaritano, em cuja presença os fariseus cuspiam e viravam o rosto com desprezo, como exemplo de amor.

Quanto ensinos esse simples trecho nos traz. Herculano sabe e o mostra à exaustão em outros interessantes livros sobre a época de Jesus, como Barrabás, Madalena e Lázaro, como sentiam os judeus, e com que orgulhosa pretensão se julgavam superiores. Não como adoradores do Verdadeiro e único Deus, mas com relação aos que eram o SEU POVO, OS QUE ELE ESCOLHERA PARA PROTEGER. Povo escolhido que, embora sob o tacão romano, receberia o Messias, que viria trazer-lhes de volta a liberdade e o domínio, dos tempos do Rei David e Salomão. Essa crença, fruto do orgulho da raça e do povo, tem sustentado o povo de Israel por milênios e ainda hoje mantém viva no seio das sinagogas a esperança da vinda de um Messias político ou apocalíptico, não importa, mas que lhes devolverá o domínio e implantará O Reino onde eles reinarão para sempre sobre todos os, demais povos.

Podemos repudiar essas ideias, mas seria interessante que, antes disso, analisássemos se não temos a mesma postura fruto do orgulho. Os que se julgam donos de uma verdade maior assumem, na maioria das vezes, a mesma postura. Podem não se achar escolhidos de Deus, por serem israelitas, podem não esperar “reinar com Deus” sobre os gentios, mas julgam-se melhores por possuírem mais conhecimento, ou a fé em Cristo, ou em uma Igreja cristã ou não cristã. Não ouvimos nossos irmãos se chamarem de “povo de Deus”? Não ouvimos no movimento espírita as pessoas dizerem que o conhecimento espírita é superior a todos os outros, que nada têm a aprender com outros estudiosos, teólogos, exegetas, estudiosos das Escrituras, ou mesmo da Ciência? Não encontramos a mesma doença do orgulho, quando nós mesmos sorrimos com superioridade diante da ignorância ou mesmo nos revoltamos com os avanços da Ciência, tão-somente porque contrariam “revelações” feitas por médiuns confiáveis?

Fico admirada, muitas vezes, que eminentes oradores e líderes da evangelização infantil continuem ensinando a parábola do Bom Samaritano, como se nela Jesus apenas nos ensinasse a sermos caridosos para com os necessitados e exprobase a hipocrisia dos religiosos que não socorreram o samaritano assaltado e caído.

A parábola é muito mais do que isso: nela Jesus ensina a nos livrarmos do preconceito. O judeu, quando via um samaritano, cuspiam e dizia “Racca”. Dessa expressão de desprezo vem a

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

expressão brasileira “raque tchu” e a cuspidinha com que as crianças se enfrentavam em pequenas querelas na infância e que em alguns municípios brasileiros ainda é usada. Os judeus, que se achavam superiores aos galileus, e desprezavam com nojo manifesto os samaritanos, foram, nessa parábola, reduzidos à sua verdadeira dimensão.

Se toda a Lei e os Profetas se resumem na máxima “ama a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo”, quem assim procede não ama a ninguém. O orgulho o domina. É essa a principal lição da Parábola do Samaritano, não divulgada pelos diferentes credos religiosos, porque, à semelhança do farisaísmo, cada grupo se julga melhor do que o outro. Embora não o demonstremos de modo tão evidente, cuspidinho diante de outro cidadão que por algum motivo julgamos inferior a nós, sentimos por ele o mesmo sentimento de superioridade que caracteriza o orgulho. E a diferença entre Judeus e Samaritanos se assentava, ao menos exteriormente, no fato de que os Samaritanos não iam ao Templo de Jerusalém, mas adoravam a Deus no monte. Ou, em palavras modernas, não concordavam em engordar com seus sacrifícios e oferendas de dinheiro e animais as famílias dos fariseus e sacerdotes, que faziam pior do que os dominadores romanos que viviam dos impostos recolhidos dos povos que oprimiam.

Os fariseus e sacerdotes viviam enganando seu próprio povo. A título de salvação e purificação, obrigavam-no a pagar caro seus rituais, e comprar animais sagrados para a oferenda, com o dinheiro do templo, que deviam trocar pelo dinheiro dos romanos, às mesas dos cambistas. Só com tal dinheiro do Templo podiam comprar os animais sagrados para o sacrifício. Por isso, as mesas dos cambistas que Jesus derruba, e daí, o estabelecimento de uma nova forma de adoração sem sacrifícios sangrentos, por Jesus. Na verdade, os animais sacrificados ficavam em parte para os sacerdotes e fariseus, que assim locupletavam suas mesas à custa da miséria e do sacrifício de seu próprio povo.

Esse é um dos motivos porque Jesus os tratava com tanta dureza e dizia que eram malditos. Veja em A Gênese o item “maldição aos fariseus”, que Kardec coloca sem comentários. Claro que Jesus não amaldiçoava, nem bendizia, apenas colocava quem era maldito e quem era bem-aventurado, diante da lei de Deus. Não podemos à moda de feiticeiros medievais ou atuais lançar bênçãos e maldições. Cada um de nós está sujeito a recolher bênçãos e maldições por sua conduta na Vida regida pela Lei Natural.

A tradução adocicada feita pela Igreja e pelos tradutores evangélicos, substituindo a palavra, malditos por “ai de vós”, tem mantido gerações na ignorância do significado do Reino de Deus na Terra, e de como nossa conduta diante das Leis Universais nos torna felizes (bem-aventurados) ou infelizes (mal-aventurados ou malditos).

O Capítulo IV traz preciosos ensinamentos de Herculano, e nos fala da pequena comunidade messiânica que vivia segundo os preceitos do Reino, ao lado de Jesus. Fato ignorado pelos que nos ensinam sobre a vida de JESUS. Mas disso trataremos no próximo estudo.

VII – MINHAS PALAVRAS NÃO PASSARÃO

24. Então, aproximando-se dele, seus discípulos lhe disseram: Sabes que, ouvindo o que acabaste de dizer, os fariseus se escandalizaram? — Ele respondeu:

Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.

— Deixa-os; são cegos a conduzir cegos; se um cego guia outro cego, cairão ambos no barranco. (S. Mateus, 15:12 a 14.)

25. O Céu e a Terra passarão, mas as minhas palavras não passarão. (S. Mateus, 24:35.) 26.

As palavras de Jesus não passarão, porque serão verdadeiras em todos os tempos.

Será eterno o seu código de moral, porque consagra as condições do bem que conduz o homem ao seu destino eterno.

Mas, terão as suas palavras, chegado até nós puras de toda ganga e de falsas interpretações? Aprenderam-lhes o espírito todas as seitas cristãs?

Nenhuma as terá desviado do verdadeiro sentido, em consequência dos preconceitos e da ignorância das leis da Natureza?

Nenhuma as transformou em instrumento de dominação, para servir às suas ambições e aos seus interesses materiais, em degrau, não para se elevar ao céu, mas para elevar-se na Terra?

Terão todas, adotado como regra de proceder a prática das virtudes, prática da qual fez Jesus condição expressa de salvação?

Estarão todas isentas das apóstrofes que ele dirigiu aos fariseus de seu tempo? Todas, finalmente, serão, assim em teoria, como na prática, expressão pura da sua doutrina? Sendo uma só, e única, a verdade não pode achar-se contida em afirmações contrárias e Jesus não pretendeu imprimir duplo sentido às suas palavras.

Se, pois, as diferentes seitas se contradizem; se umas consideram verdadeiro o que outras condenam como heresias, impossível é que todas estejam com a verdade. Se todas houvessem apreendido o sentido verdadeiro do ensino evangélico, todas se teriam encontrado no mesmo terreno e não existiriam seitas.

O que não passará é o verdadeiro sentido das palavras de Jesus; o que passará é o que os homens construíram sobre o sentido falso que deram a essas mesmas palavras. Tendo por missão transmitir aos homens o pensamento de Deus, somente a sua doutrina, em toda a pureza, pode exprimir esse pensamento. Por isso foi que ele disse: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada.

Especial

36 – 23/12/2007

O Consolador – (Astolfo O. De Oliveira Filho)

Como o Espiritismo vê Jesus e a moral cristã

VII. Minhas palavras não passarão

O que Jesus dizia de si mesmo – A Declaração de Niceia está, no entanto, em contradição formal com as opiniões dos apóstolos e com as próprias palavras de Jesus. Enquanto todos acreditavam no Filho criado pelo Pai, os bispos proclamavam o Filho igual ao Pai, “eterno como ele, gerado e não criado”, ao contrário do que o próprio Jesus dizia de si mesmo:

“Se me amásseis, certamente havíeis de folgar que eu vá para o Pai, porque **o Pai é maior do que eu**”

(João, 14:28);

“A mim, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, por que dizeis vós – Tu blasfemas”, por eu ter dito que **sou Filho de Deus?**”

(João, 10:36);

“Por esse motivo, os Judeus perseguiram a Jesus e queriam matá-lo, isto é, porque fizera tais coisas em dia de sábado. - Mas Jesus lhes disse: **Meu Pai trabalha até ao presente e eu também trabalho**”

(João, 5:16);

“Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma. Não busco a minha vontade, mas **a vontade d' Aquele que me enviou**”

(João, 5:30);

“Se Deus fosse vosso Pai, vós me amaríeis, porque **foi de Deus que saí e foi de sua parte que vim**; pois não vim de mim mesmo, foi Ele que me enviou”

(João, 8:42);

“Aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos céus; - aquele que me renunciar diante dos homens, também eu mesmo o renunciarei **diante de meu Pai que está nos céus**”

(Mateus, 10:32 e 33);

“O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão. Pelo que respeita ao dia e à hora, ninguém o sabe, nem os anjos que estão no céu, **nem mesmo o Filho, mas somente o Pai**”

(Marcos, 13:31);

“Jesus então lhes disse: Ainda estou convosco por um pouco de tempo e **vou em seguida para aquele que me enviou**”

(João, 7:33);

“Havendo Jesus dito estas coisas, elevou os olhos ao céu e disse: **Meu Pai, a hora é vinda; glorifica a teu Filho**, a fim de que teu Filho te glorifique”

(João, 17:1);

“Então, soltando grande brado, Jesus disse: **Meu Pai, às tuas mãos entrego o meu espírito**. E, tendo pronunciado essas palavras, expirou”

(Lucas, 23:46);

“(Após a ressurreição) Ele diz a Madalena: Vai a meus irmãos e dize-lhes que **eu vou para meu Pai e vosso Pai**, para meu Deus e vosso Deus”

(João, 20:17).

A Declaração de Niceia contradiz não somente o que Jesus dizia de si mesmo, mas de igual modo o que os apóstolos e os evangelistas disseram sobre o Mestre de Nazaré:

“Ao mesmo tempo, apareceu uma nuvem que os cobriu e dessa nuvem saiu uma voz que fez se ouvirem estas palavras: **Este é meu filho bem-amado**; escutai-o”

(Transfiguração no monte Tabor. Marcos, 9:7);

“Respondendo-lhe, Simão Pedro disse: **Tu és o Cristo, filho de Deus vivo**. Jesus então lhe disse: Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue quem to revelou, mas sim, **meu Pai, que está nos céus**”

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

(Mateus, 16: 13 a 17);

“Varões israelitas – falou Pedro –, ouvi minhas palavras. **Jesus Nazareno foi um varão**, aprovado por Deus entre vós, com virtudes e prodígios e sinais que Deus obrou por ele no meio de vós” (Atos, 2:22);

“**Jesus de Nazaré foi um profeta**, poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo”

(Lucas, 24:19);

“Só há um Deus – diz S. Paulo – e um só mediador entre Deus e os homens, **que é Jesus Cristo, homem**”

(I Epístola a Timóteo, 2:5).

Jesus segundo Roustaing– Vê-se assim que jamais o Cristo ou os apóstolos lhe atribuíram a condição de divindade. Ele seria, portanto, um homem?

Para os rustenistas, seguidores da obra de J. B. Roustaing, que publicou em 1866 o livro:

“Os Quatro Evangelhos”, Jesus não é Deus nem homem. Ensina a doutrina contida no livro publicado por Roustaing que o Nazareno não possuiu um corpo como o nosso, pois que tinha tão-somente um corpo fluídico. Teria sido, portanto, um agêner, um Espírito materializado, o que ajudaria a explicar uma série de fenômenos e o seu desaparecimento da face da Terra dos 12 aos 30 anos.

Kardec repeliu, porém, tal idéia, mostrando que a doutrina veiculada por Roustaing transformaria em um engodo, em uma simulação, o nascimento de Jesus, a gravidez de Maria e os sofrimentos do Senhor ante o Calvário.

Diz Kardec em “A Gênese”, cap. 15, item 66: “Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice das amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro.”

E o Codificador do Espiritismo, repelindo enfaticamente a idéia de que Jesus foi um agêner, conclui: “Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem. **Jesus, pois, teve como todo homem um corpo carnal e um corpo fluídico**, o que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.”

Jesus não é Deus, mas um messias divino – Para J. Herculano Pires, a Bíblia é a codificação da primeira revelação cristã, o Espiritismo, a codificação da terceira revelação, e o Evangelho representa a segunda, “a que brilha no centro da tríade dessas revelações”, tendo na figura do Cristo o sol que ilumina as duas outras, uma como que “intervenção direta do Alto para a reorientação do pensamento terreno.”

(Introdução ao Livro dos Espíritos, LAKE, (págs. 11 e 12).

Léon Denis diz que Jesus “ascendeu à eminência final da evolução” e o conceitua como “governador espiritual deste planeta” (“Cristianismo e Espiritismo”, pág. 79), bem antes de Emmanuel descrever-lhe o papel como cocriador e orientador do planeta em que vivemos, em sua obra “A Caminho da Luz”, cap. 1, psicografada por Francisco Cândido Xavier e publicada pela FEB em 1939.

Ensina Emmanuel (“A Caminho da Luz”, cap. 1): “Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias. Essa Comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta, por duas vezes no curso dos milênios conhecidos. A primeira verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidiu a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção”.

Allan Kardec, comentando a resposta dada à pergunta 625 d' O Livro dos Espíritos

(“Qual o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem, para lhe servir de guia e de modelo?

R.: Vede Jesus”), escreveu: “Jesus é para o homem o tipo da perfeição moral a que pode aspirar a humanidade na Terra. Deus no-lo oferece como o mais perfeito modelo, e a doutrina que ele ensinou é a mais pura expressão de sua lei, porque ele estava animado do espírito divino e foi o ser mais puro que já apareceu sobre a Terra.”

Jesus foi um enviado do Pai à Terra – Em “O Evangelho segundo o Espiritismo” (cap. 1, item 4), Kardec esclarece que o papel de Jesus “não foi simplesmente o de um legislador moralista sem outra autoridade além da palavra.” “Ele veio cumprir as profecias que haviam anunciado a sua vinda, e a sua autoridade provinha da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina.”

O mesmo ensino se lê em “Obras Póstumas”, págs. 136 e seguintes: “Jesus era um messias divino pelo duplo motivo de que de Deus é que tinha a sua missão e de que suas perfeições o punham em relação direta com Deus.” “Para que Jesus fosse igual a Deus, fora preciso que ele existisse, como Deus, de toda a eternidade, isto é, que fosse incriado.” “Digamos que Jesus é filho de Deus, como todas as criaturas, que ele chama a Deus Pai, como nós aprendemos a tratá-lo de nosso Pai. É o filho bem-amado de Deus, porque, tendo alcançado a perfeição, que aproxima de Deus a criatura, possui toda a confiança e toda a afeição de Deus.”

Em “A Gênese” (cap. 15:2), o Codificador ensina que, como homem, “Jesus tinha a organização dos seres carnis; porém, como Espírito puro, desprendido da matéria, havia de viver mais da vida espiritual do que da vida corporal, de cujas fraquezas não era passível.” No mesmo passo, o Codificador esclarece que, pelos imensos resultados que produziu, “a sua encarnação neste mundo forçosamente há de ter sido uma dessas missões que a Divindade somente a seus mensageiros diretos confia, para cumprimento de seus desígnios.”

Não há nada melhor que a moral de Jesus – A moral evangélica recebeu com a Doutrina Espírita não apenas a sanção, a confirmação, mas a certeza de sua expansão em todo o mundo, para concretização da profecia proferida por Jesus no conhecido sermão profético:

“Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas; - e porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará; - mas aquele que perseverar até ao fim será salvo. - E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações. É então que o fim chegará”

(Mateus, 24:11 a 14).

Com efeito, Kardec escreveu na primeira de suas obras: “A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, ou seja, fazer o bem e não fazer o mal” (“O Livro dos Espíritos”, Introdução, item VI). Mais tarde, ele explicaria o porquê dessa assertiva: “A moral que os Espíritos ensinam é a do Cristo, pela razão de que não há outra melhor” (“A Gênese”, cap. 1, item 56).

Em seguida, no mesmo trecho, o Codificador esclarece: “O que o ensino dos Espíritos acrescenta à moral do Cristo é o conhecimento dos princípios que regem as relações entre os mortos e o, vivos, princípios que completam as noções vagas que se tinham da alma, de seu passado e seu futuro, dando por sanção à doutrina cristã as próprias leis da natureza.”

Na verdade, o que ele entrevê, com relação ao vínculo entre o Espiritismo e a doutrina evangélica, é exatamente a confirmação do que Jesus havia predito, na curiosa promessa sobre o Consolador: “Se me amais, guardai os meus mandamentos, e eu pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco: - o Espírito de Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê; vós, porém, o conhecereis, porque permanecerá

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

convosco e estará em vós. Mas, o Consolador, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e fará vos lembreis de tudo o que vos tenho dito”

(João, 14:15 a 26 e 16:7 a 14).

De fato, já na obra fundamental da Doutrina, afirmam os Espíritos superiores: “Estamos encarregados de preparar o Reino de Deus anunciado por Jesus, e por isso é necessário que ninguém possa interpretar a lei de Deus ao sabor das suas paixões, nem falsear o sentido de uma lei que é toda amor e caridade”

(L.E., item 627).

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

VIII – A PEDRA ANGULAR

27. Não lestes jamais isto nas Escrituras: A pedra que os edificadores rejeitaram se tornou a principal pedra do ângulo? Foi o que o Senhor fez e nossos olhos o vêem com admiração. — Por isso eu vos declaro que o reino de Deus vos será tirado e será dado a um povo que dele tirará frutos. — Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se despedaçará e ela esmagará aquele sobre quem cair. Tendo ouvido de Jesus essas palavras, os príncipes dos sacerdotes reconheceram que era deles que o mesmo Jesus falava. — Quiseram então apoderar-se dele, mas tiveram medo do povo que o considerava um profeta. (S. Mateus, 21:42 a 46.)

28. A palavra de Jesus se tornou a pedra angular, isto é, a pedra de consolidação do novo edifício da fé, erguido sobre as ruínas do antigo. Havendo os judeus, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus rejeitado essa pedra, ela os esmagou, do mesmo modo que esmagará os que, depois, a desconhecaram, ou lhe desfiguraram o sentido em prol de suas ambições.

Crônicas e Artigos

510 – 02/04/2017

O Consolador – (Edo Mariani)

VIII. A pedra angular

Revelação: a pedra fundamental

No Evangelho de Mateus, cap. 16 versículos 16 a 19, após pergunta de Jesus, inquirindo dos apóstolos o que dizia o povo ser Ele, Pedro tomando a palavra respondeu: “Tu És o Cristo, o filho do Deus Vivo”, tendo Jesus afirmado: “Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foram a carne nem o sangue que to **revelou**, mas Meu Pai que está nos Céus.” Jesus continuou afirmando: “Também tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja”.

“Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na Terra terá sido ligado nos Céus.”

No Evangelho de Marcos, cap. 12, versículos 10 e 11, Jesus, volta falar sobre a importância da pedra afirmando: “Ainda não lestes esta Escritura: A pedra, que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; Isto procede do Senhor, e é maravilhoso aos nossos olhos”!

Com base nessas afirmações de Jesus, deduzimos que a Religião Dominante tenha criado a figura do Papa que seria, no seu entendimento, o representante de Deus na Terra e o substituto de Pedro, o Apóstolo.

Refletindo no ensinamento de Jesus, retirando da letra, que mata, o espírito que vivifica, compreenderemos que Ele, Espírito sublime, puro e perfeito, não conceberia a possibilidade de colocar sobre um homem, mortal e falível, a responsabilidade de ser o único intermediário direto entre o Céu e a Terra e muito menos o Seu representante.

Inquirimos então: - Onde está a pedra na qual Jesus edificou a sua Igreja? Temos a certeza de que não está sobre Pedro, que por três vezes O negou junto à prisão.

Os ensinamentos deixados por Jesus são por demais importantes, pois Sua palavra nunca foi dita em vão. Por isso a igreja de Jesus só pode estar assentada na **revelação**, onde se assentam as bases da ligação entre os homens e os Espíritos desencarnados. Foi o que aconteceu com Pedro, médium inspirado, intuído por um mensageiro celestial lhe **revelou** ser Jesus, o Cristo, filho de Deus Vivo.

Para nos comunicar usamos da palavra falada ou escrita. A palavra é o veículo pelo qual nos relacionamos. É através da palavra, escrita ou falada, que podemos consertar erros e faltas cometidas contra o nosso próximo ainda na presente existência. Assim procedendo, nos livramos de inimizades e mágoas que dificultam o nosso crescimento espiritual, através do qual nos elevamos, melhorando nossa classificação na escala espírita idealizada por Kardec.

É também imprescindível a nossa comunicação com os Espíritos, pois ela nos propicia a recepção de ensinamentos **revelados** pelos Espíritos, os quais demorariam incalculável tempo para serem, por nós, descobertos.

Os Espíritos superiores informaram a Kardec que são eles que nos dirigem. Como poderiam nos dirigir sem que houvesse meios de comunicação recíproca, através das revelações espirituais?

Em todos os tempos, a humanidade foi intuída pelos mensageiros, celeste, a respeito do intercâmbio entre os dois mundos. Deus é amor e a Sua misericórdia jamais nos deixaria ao desamparo.

Perlustrando a história dos povos, mesmo as mais antigas civilizações, constataremos que esse intercâmbio sempre existiu.

Ensina Cairbar Schutel em “Parábolas e Ensinos de Jesus”: “A Revelação é a base fundamental da Religião. Toda a moral, toda a filosofia, toda a ciência, tem por base a Revelação. Ela é o fundamento de todo progresso, é a Pedra inamovível sobre a qual se ergue o edifício da verdade, que abriga a Humanidade”.

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

Estamos convictos de que para o homem manter-se equilibrado e alinhado com as benesses divina que nos são ofertadas, como um chamamento às responsabilidades assumidas na programação da reencarnação, visando o cumprimento do trabalho redentor em favor da evolução espiritual, é imprescindível e de capital importância aprender que só através da prece o conseguiremos. Atentemos para os ensinamentos de Jesus: “Quem busca acha.”

Ensina Rodrigues Ferreira, autor do livro *O Espiritismo e as Distorções do Ser Humano*: “Na visão espírita, a oração corretamente cultivada altera a vibração mental de quem ora e, por isso, coloca a espiritualidade no coração”.

A finalidade da oração não é pedir para receber, mas preparar para merecer. A prece busca proteção; ela promove a alteração vibratória da mente para um nível mais elevado, facilitando, simultaneamente, a fuga das ligações inferiores e a abertura da mente para as superiores. Vemos, assim, que a Lei Divina colocou a proteção dentro do próprio homem.

Nestes tempos em que grandes perturbações assolam a humanidade, o Espiritismo vem-nos trazer as diretrizes eficazes para o equilíbrio espiritual, esse escudo protetor, a oração, imprescindível às ligações com a fonte divina, verdadeiro manancial de orientação para o melhor aproveitamento da existência terrena.

Orar é tão importante para a alma como o pão é para o corpo. Aprendamos a orar como nos ensina o Espiritismo e assim poderemos participar do convívio mental com os amigos espirituais.

Observemos o que nos ensina André Luiz em *“Missionários da Luz”*: “Toda a prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante e toda a criatura que cultiva a oração, com o devido equilíbrio do sentimento, transforma-se gradativamente, em foco irradiante de energias da divindade”.

IX – PARÁBOLA DOS VINHATEIROS HOMICIDAS

29. Havia um pai de família que, tendo plantado uma vinha, a cercou com uma sebe e, cavando a terra, construiu uma torre. Arrendou-a depois a uns vinhateiros e partiu para um país distante. Ora, estando próximo o tempo dos frutos, enviou ele seus servos aos vinhateiros, para recolher o fruto da sua vinha. — Os vinhateiros, apoderando-se dos servos, deram num, mataram outro e a outro apedrejaram. Enviou-lhes ele outros servos em maior número do que os primeiros e eles os trataram da mesma maneira. — Por fim, enviou-lhes seu próprio filho, dizendo de si para si: Ao meu filho eles terão algum respeito. — Mas os vinhateiros, ao verem o filho, disseram entre si: Aqui está o herdeiro; vinde, matemo-lo e ficaremos donos da sua herança. — E, com isso, pegaram dele, lançaram-no fora da vinha e o mataram. Quando o dono da vinha vier, como tratará esses vinhateiros? — Responderam-lhe: Fará que pereçam miseravelmente esses malvados e arrendará a vinha a outros vinhateiros, que lhe entreguem os frutos na estação própria. (S. Mateus, 21:33 a 41.)

30. O pai de família é Deus; a vinha que ele plantou é a lei que estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a vinha são os homens que devem ensinar e praticar a lei; os servos que enviou aos arrendatários são os profetas que estes últimos massacraram; seu filho, enviado por último, é Jesus, a quem eles igualmente eliminaram. Como tratará o Senhor os seus mandatários prevaricadores da lei? Trata-los-á como seus enviados foram por eles tratados e chamará outros arrendatários que lhe prestem melhores contas de sua propriedade e do proceder do seu rebanho.

Assim aconteceu com os escribas, com os príncipes dos sacerdotes e com os fariseus; assim será, quando ele vier de novo pedir a cada um contas do que fez da sua doutrina; retirará toda a autoridade ao que dela houver abusado, porquanto ele quer que seu campo seja administrado de acordo com a sua vontade. Ao cabo de dezoito séculos, tendo chegado à idade viril, a Humanidade está suficientemente madura para compreender o que o Cristo apenas esflorou, porque então, como ele próprio o disse, não o teriam compreendido.

Ora, a que resultado chegaram os que, durante esse longo período, tiveram a seu cargo a educação religiosa da mesma Humanidade? Ao de verem que a indiferença sucedeu à fé e que a incredulidade se alçou em doutrina.

Em nenhuma outra época, com efeito, o cepticismo e o espírito de negação estiveram mais espalhados em todas as classes da sociedade. Mas, se algumas das palavras do Cristo se apresentam encobertas pelo véu da alegoria, pelo que concerne à regra de proceder, às relações de homem para homem, aos princípios morais a que ele expressamente condicionou a salvação, seus ensinamentos são claros, explícitos, sem ambiguidade.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo XV.)

Que fizeram das suas máximas de caridade, de amor e de tolerância; das recomendações que fez a seus apóstolos para que convertessem os homens pela brandura e pela persuasão; da simplicidade, da humildade, do desinteresse e de todas as virtudes que ele exemplificou? Em seu nome, os homens se anatematizaram mutuamente e reciprocamente se amaldiçoaram; estrangularam-se em nome daquele que disse: Todos os homens são irmãos.

Do Deus infinitamente justo, bom e misericordioso que ele revelou, fizeram um Deus cioso, cruel, vingativo e parcial; àquele Deus, de paz e de verdade, sacrificaram nas fogueiras, pelas torturas e perseguições, muito maior número de vítimas, do que as que em todos os tempos os pagãos sacrificaram aos seus falsos deuses; venderam-se as orações e as graças do céu em nome daquele que expulsou do Templo os vendedores e que disse a seus discípulos:

Dai de graça o que de graça recebestes. Que diria o Cristo, se viesse hoje entre nós? Se visse os que se dizem seus representantes a ambicionar as honras, as riquezas, o poder e o fausto dos príncipes do mundo, ao passo que ele, mais rei do que todos os reis da Terra, fez a sua entrada em Jerusalém montado num jumento? Não teria o direito de dizer-lhes:

Que fizestes dos meus ensinamentos, vós que incensais o bezerro de ouro, que dais a maior parte das vossas preces aos ricos, reservando uma parte insignificante aos pobres, sem embargo de haver

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

eu dito: Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus? Mas, se ele não está carnalmente entre nós, está em Espírito e, como o senhor da parábola, virá pedir contas aos seus vinhateiros do produto da sua vinha, quando chegar o tempo da colheita.

Parábola dos vinhateiros homicidas

Nesta parábola “o pai de família é Deus; a vinha que ele plantou é a lei que estabeleceu; os vinhateiros a quem arrendou a vinha são os homens que devem ensinar e praticar a lei; os servos que enviou aos arrendatários são os profetas que estes últimos massacraram; seu filho, enviado por último, é Jesus, a quem eles igualmente eliminaram”.

Aconteceu com os escribas, com os fariseus e com os príncipes dos sacerdotes.

Quando Ele vir novamente e pedir a cada um contas – sobre a sua doutrina – eliminando toda autoridade ao que dela houver abusado, visto que Ele quer que seu campo seja administrado de acordo com sua vontade.

O que foi feito das suas máximas de caridade, de amor e tolerância.

Constata-se que até nossos tempos o resultado alcançado pelos responsáveis pela educação religiosa da Humanidade foi a indiferença e incredulidade “espalhados em todas as classes da sociedade”.

Fizeram do “Deus infinitamente justo, bom e misericordioso” que Cristo revelou, “um Deus cioso, cruel, vingativo e parcial.”

Cultuam “as riquezas, o poder e o fausto dos príncipes do mundo.”

Entretanto, presente em Espírito, “virá pedir contas aos seus vinhateiros do produto da sua vinha, quando chegar o tempo da colheita.”

X – UM SÓ REBANHO E UM SÓ PASTOR

31. Tenho ainda outras ovelhas que não são deste aprisco; é preciso que também a essas eu conduza; elas escutarão a minha voz e haverá um só rebanho e um único pastor. (S. João, 10:16.)

32. Por essas palavras, Jesus claramente anuncia que os homens um dia se unirão por uma crença única; mas, como poderá efetuar-se essa união? Difícil parecerá isso, tendo-se em vista as diferenças que existem entre as religiões, o antagonismo que elas alimentam entre seus adeptos, a obstinação que manifestam em se acreditarem na posse exclusiva da verdade. Todas querem a unidade, mas cada uma se lisonjeia de que essa unidade se fará em seu proveito e nenhuma admite a possibilidade de fazer qualquer concessão, no que respeita às suas crenças.

Entretanto, a unidade se fará em religião, como já tende a fazer-se socialmente, politicamente, comercialmente, pela queda das barreiras que separam os povos, pela assimilação dos costumes, dos usos, da linguagem (1).

(1) Kardec pressentia a supressão das barreiras linguísticas vinte anos antes do aparecimento do Esperanto, quando Zamenhof tinha somente sete anos de idade.

Hoje a profecia se cumpre sob nossos olhos com o progresso constante do Esperanto.

Os povos do mundo inteiro já confraternizam, como os das províncias de um mesmo império. Presente-se essa unidade e todos a desejam. Ela se fará pela força das coisas, porque há de tornar-se uma necessidade, para que se estreitem os laços da fraternidade entre as nações; far-se-á pelo desenvolvimento da razão humana, que se tornará apta a compreender a puerilidade de todas as dissidências; pelo progresso das ciências, a demonstrar cada dia mais os erros materiais sobre que tais dissidências assentam e a destacar pouco a pouco das suas fiadas as pedras estragadas.

Demolindo nas religiões o que é obra dos homens e fruto de sua ignorância das leis da Natureza, a Ciência não poderá destruir, malgrado à opinião de alguns, o que é obra de Deus e eterna verdade. Afastando os acessórios, ela prepara as vias para a unidade. A fim de chegarem a esta, as religiões terão que encontrar-se num terreno neutro, se bem que comum a todas; para isso, todas terão que fazer concessões e sacrifícios mais ou menos importantes, conformemente à multiplicidade dos seus dogmas particulares.

Mas, em virtude do processo de imutabilidade que todas professam, a iniciativa das concessões não poderá partir do campo oficial; em lugar de tomarem no alto o ponto de partida, tomá-lo-ão embaixo por iniciativa individual.

Desde algum tempo, um movimento se vem operando de descentralização, tendente a adquirir irresistível força. O princípio da imutabilidade, que as religiões hão sempre considerado uma égide conservadora, tornar-se-á elemento de destruição, dado que, imobilizando-se, ao passo que a sociedade caminha para a frente, os cultos serão ultrapassados e depois absorvidos pela corrente das idéias de progresso.

A imobilidade, em vez de ser uma força, torna-se uma causa de fraqueza e de ruína para quem não acompanha o movimento geral; ela quebra a unidade, porque os que querem avançar se separam dos que se obstinam em permanecer parados. No estado atual da opinião e dos conhecimentos, a religião, que terá de congregar um dia todos os homens sob o mesmo estandarte, será a que melhor satisfaça à razão e às legítimas aspirações do coração e do espírito; que não seja em nenhum ponto desmentida pela ciência positiva; que, em vez de se imobilizar, acompanhe a Humanidade em sua marcha progressiva, sem nunca deixar que a ultrapassem; que não for nem exclusivista, nem intolerante; que for a emancipadora da inteligência, com o não admitir senão a fé racional; aquela cujo código de moral seja o mais puro,

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

o mais lógico, o mais de harmonia com as necessidades sociais, o mais apropriado, enfim, a fundar na Terra o reinado do Bem, pela prática da caridade e da fraternidade universais.

O que alimenta o antagonismo entre as religiões é a idéia, generalizada por todas elas, de que cada uma tem o seu deus particular e a pretensão de que este é o único verdadeiro e o mais poderoso, em luta constante com os deuses dos outros cultos e ocupado em lhes combater a influência. Quando elas se houverem convencido de que só existe um Deus no Universo e que, em definitiva, ele é o mesmo que elas adoram sob os nomes de Jeová, Alá ou Deus; quando se puserem de acordo sobre os atributos essenciais da Divindade, compreenderão que, sendo um único o Ser, uma única tem que ser a vontade suprema; estender-se-ão as mãos umas às outras, como os servidores de um mesmo Mestre e os filhos de um mesmo Pai e, assim, grande passo terão dado para a unidade.

Crônicas e Artigos

467 – 26/05/2016

O Consolador – (Felinto Elízio Duarte Campelo)

X. Um só rebanho e um só pastor

Caridade

“E, meu amigo, ao entardecer de tua vida ou nos limites dos planos mais altos, encontrarás por toda parte, florindo e perfumando a tua senda, as mais belas rosas da caridade que praticaste contigo, com o próximo, e que ofertaste ao Todo Poderoso, num gesto grandioso de amor e reconhecimento.” (Scheilla)

Doutrinas nascidas do Cristianismo oferecem diferentes conceitos para fundamentar as convicções dos seus profíctentes (1)

Uns proclamam: “Fora da igreja não há salvação.”

Em contraposição, outros estabelecem: “Fora da verdade não há salvação.”

O Espiritismo, “Doutrina de amor baseada no Evangelho e na Ciência”, adota a fé raciocinada e ensina: “Fora da caridade não há salvação.”

A primeira máxima, exclusivista por excelência, induz o homem a aceitar seus postulados sem contestação, sem indagações, sob pena de ser precipitado ao fogo eterno do inferno, sem remissão.

A segunda sentença, também restritiva, impõe ao crente uma fé sem direito à análise. Seus seguidores apresentam o Satanás como um ser tão poderoso quanto Deus, capaz de arrebatá-lo para a geena (2) quem não crê cegamente nas suas prescrições.

O Espiritismo tem por lema a fraternidade universal. Não delimita fronteiras, é abrangente. Não estabelece preconceitos de cor, raça, de casta ou de credo.

Recomenda a caridade com Jesus, como passaporte para a felicidade.

Haverá na Terra um só rebanho, um só pastor quando a CARIDADE, filha do amor, irmã da fé e da esperança, for a tônica nas relações dos povos de todos os quadrantes do globo.

(1) professor.

(2) local de suplício eterno pelo fogo; inferno.

XI – ADVENTO DE ELIAS

33. Então, seus discípulos lhe perguntaram: Por que, pois, dizem os escribas ser preciso que, antes, venha Elias? — Jesus lhes respondeu: É certo que Elias tem de vir e que restabelecerá todas as coisas. Mas, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram; antes o trataram como lhes aprouve. É assim que farão morrer o Filho do homem.

Então, seus discípulos compreenderam que era de João Batista que ele lhes falara.
(S. Mateus, 17:10 a 13.)

34. Elias já voltara na pessoa de João Batista. Seu novo advento é anunciado de modo explícito. Ora, como ele não pode voltar, senão tomando um novo corpo, aí temos a consagração formal do princípio da pluralidade das existências.

(O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. IV, nº 10.)

Entre os nascidos de mulher, o maior foi João Batista

7. É preciso que destaquemos também a figura espiritual de João Batista, filho de Isabel e Zacarias, chamado “o precursor”, porque foi ele quem preparou os passos de Jesus e o apresentou ao mundo.

O advento de João deu-se em circunstâncias particularíssimas, visto que, além de serem seus pais bastante idosos, Zacarias foi acometido de uma mudez temporária que somente findou com o nascimento do filho.

8. Após o nascimento de João, – que fora anteriormente na Terra o grande profeta Elias, de que fala o 1º Livro dos Reis, capítulo 17, – vamos encontrar o Batista na sua gloriosa tarefa de preparação do caminho à verdade, precedendo o trabalho divino do amor que o mundo conheceria em Jesus Cristo.

Vestido de pele e alimentando-se de mel selvagem, esclarecendo com energia e deixando-se degolar em testemunho à verdade, João precedeu a lição de misericórdia e bondade que Jesus iria em seguida trazer ao mundo.

9. Ele se sentia, efetivamente, “a voz que clama no deserto” e preparava “os caminhos do Senhor”.

E foi dessa maneira que se apresentou aos judeus e aos levitas.

Classificado por Jesus como “o maior dos nascidos de mulher”, ele se destacou por sua austeridade no modo de anunciar o Messias, chegando a atrair multidões que, convictas da sua superioridade moral e espiritual, entravam no Jordão para limpar-se das máculas do “homem velho” e de lá saíam limpas do corpo para simbolizar a limpeza da alma a que aspiravam.

Crônicas e Artigos

304 – 24/03/2013

O Consolador – (Altamirando Carneiro)

João Batista, o precursor

XI. Advento de Elias

Antes da vinda de Jesus, reencarnaram na Terra muitos missionários, com o objetivo de preparar o povo da época para receber os ensinamentos do Mestre.

Entre esses missionários estava João (Yohanan, em hebraico), que ficou conhecido como João, o Batista, porque batizava nas águas do Rio Jordão. Segundo relata o Evangelho de Lucas, 1:5, ele era filho de Zacarias, sacerdote da classe da Abias, um dos 24 grupos que serviam no Templo de Jerusalém; e de Izabel, uma das filhas de Aarão e prima de Maria de Nazaré.

João Batista nasceu seis meses antes do nascimento de Jesus. Gabriel, o mesmo Espírito que anunciou a Maria o nascimento de Jesus, também anunciou o nascimento de João. Diz Lucas, 1:7, que eles não tinham filhos, porque Isabel era estéril e ambos estavam em idade avançada. Por isso, Zacarias não acreditou em Gabriel. Segundo o versículo 20 do mesmo capítulo do Evangelho de Lucas, ele ficou mudo, só voltando a falar quando do nascimento do filho.

A obra A Vida Diária nos Tempos de Jesus, de Henri Daniel-Rops (Edições Vida Nova), informa que os judeus não tinham sobrenome, embora isto não signifique que o sentimento familiar não fosse altamente desenvolvido entre eles. “O filho recebia necessariamente o nome do pai, como acontece com os árabes hoje. O menino era chamado ‘filho de fulano’, bem em hebraico e bar em aramaico: por exemplo, João bem Zacarias, ou Yesua bem José.

Conhecido também como a Voz que clama no deserto, João Batista é uma das figuras mais proeminentes do Novo Testamento, que preparou os caminhos para a vinda de Jesus. Batizava com água, ato simbólico que representava o arrependimento. Jesus submeteu-se ao batismo de João, não só porque era um costume da época, mas por ser o sinal através do qual passaria a ser conhecido pelas multidões. O Evangelho de Marcos, 1:5 e 6, registra que toda a província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém iam ter com ele, que andava vestido de pelos de camelo e com cinto de couro e comia gafanhotos e mel silvestre.

O citado livro de Henri Daniel-Rops informa que havia, na época, 800 espécies comestíveis de gafanhotos, quatro em uso corrente. Algumas vezes, eram cozidos com água salgada. O sabor era parecido com o do camarão. Alguns tinham a cor do camarão; outras vezes retiravam a cauda e a cabeça e colocaram no sol para secar. Eram colocados num recipiente com mel ou vinagre ou moídos e transformados em pó. Esse pó, de sabor amargo, era misturado com farinha de trigo para fazer um biscoito muito apreciado, parecido com aqueles que os cozinheiros chineses produzem com o nome de “pó de camarão”.

Preso por Herodes Antipas pela raiva que despertara nele quando João o acusou de violar a lei judaica ao casar-se com Herodíades, mulher de seu meio-irmão Herodes Felipe, João Batista foi degolado num banquete oferecido por Herodes, quando a filha de Herodíades, Salomé, dançou para o rei e tanto lhe agradou que este prometeu dar a ela o que pedisse. Instigada pela mãe, que odiava João pelas acusações feitas a ela, Salomé pediu a cabeça de João Batista.

Embora relutante, mas obrigado a cumprir a palavra, Herodes mandou cortar a cabeça do profeta e entregou-a à enteada numa bandeja. Cumpriu-se, assim, a lei da causa e efeito, pois João, na encarnação como o profeta Elias, ordenou que decapitassem os profetas de Baal (I Reis, 18:40). Jesus disse que João Batista era o maior entre os nascidos de mulheres, ou seja, o Espírito mais evoluído que os Espíritos dos demais profetas. Para tanto, além de ter sido a reencarnação do profeta Elias, certamente teve muitas reencarnações. Investido da missão fulgurante de ser o

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

precursor da vinda de Jesus (Lucas, 1:17), João Batista usou o batismo pela água como a fórmula por ele eleita para atrair as multidões, preparando-as para melhor assimilar os ensinamentos que Jesus viria revelar.

No folheto O Batismo (O Clarim), Cairbar Schutel explica que o batismo de Jesus é o batismo do Espírito e do fogo, uma graça invisível que vem do Alto e que produz, em todos os que a receberam, a fé sincera, a prática das virtudes ativas e os esforços para a regeneração e a formação do caráter.

E essa graça que vem do Alto é forte e marca como o fogo. Emmanuel, em O Consolador (FEB), diz que “Os espiritistas sinceros, na sagrada missão de paternidade, devem compreender que o batismo, aludido no Evangelho, é o da invocação das bênçãos divinas para quantos a eles se reúnem no instituto sacrificado da família.

O espiritista deve entender o batismo como o apelo do seu coração ao Pai de Misericórdia, para que os seus esforços sejam santificados no trabalho de conduzir as almas a Ele confiadas no instituto familiar, compreendendo, além do mais, que esse ato de amor e de compreensão divino deve ser continuado por toda a vida, na renúncia e no sacrifício, em favor da perfeita cristianização do trabalho e da dedicação”.

XII – ANUNCIAÇÃO DO CONSOLADOR

35. Se me amais, guardai os meus mandamentos — e eu pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente convosco:

— O Espírito de Verdade que o mundo não pode receber, porque não o vê; vós, porém, o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós.

— Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e fará vos lembreis de tudo o que vos tenho dito.

(S. João, 14:15 a 17 e 26. — O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VI.)

36. Entretanto, digo-vos a verdade: Convém que eu me vá, porquanto, se eu não me for, o Consolador não vos virá; eu, porém, me vou e vo-lo enviarei.

— E, quando ele vier, convencerá o mundo no que respeita ao pecado, à justiça e ao juízo:

— no que respeita ao pecado, por não terem acreditado em mim;

— no que respeita à justiça, porque me vou para meu Pai e não mais me vereis; no que respeita ao juízo, porque já está julgado o príncipe deste mundo.

Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas presentemente não as podeis suportar.

Quando vier esse Espírito de Verdade, ele vos ensinará toda a verdade, porquanto não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tenha escutado e vos anunciará as coisas porvindouras. Ele me glorificará, porque receberá do que está em mim e vo-lo anunciará. (S. João, 16:7 a 14.)

37. Esta predição, não há contestar, é uma das mais importantes, do ponto de vista religioso, porquanto comprova, sem a possibilidade do menor equívoco, que Jesus não disse tudo o que tinha a dizer, pela razão de que não o teriam compreendido nem mesmo, seus apóstolos, visto que a eles é que o Mestre se dirigia. Se lhes houvesse dado instruções secretas, os Evangelhos fariam referência a tais instruções. Ora, desde que ele não disse tudo a seus apóstolos, os sucessores destes não terão podido saber mais do que eles, com relação ao que foi dito; ter-se-ão possivelmente enganado, quanto ao sentido das palavras do Senhor, ou dado interpretação falsa aos seus pensamentos, muitas vezes velados sob a forma parabólica. As religiões que se fundaram no Evangelho não podem, pois, dizer-se possuidoras de toda a verdade, porquanto ele, Jesus, reservou para si a completação ulterior de seus ensinamentos. O princípio da imutabilidade, em que elas se firmam, constitui um desmentido às próprias palavras do Cristo. Sob o nome de Consolador e de Espírito de Verdade, Jesus anunciou a vinda daquele que havia de ensinar todas as coisas e de lembrar o que ele dissera. Logo, não estava completo o seu ensino. E, ao demais, prevê não só que ficaria esquecido, como também que seria desvirtuado o que por ele fora dito, visto que o Espírito de Verdade viria tudo lembrar e, de combinação com Elias, restabelecer todas as coisas, isto é, pô-las de acordo com o verdadeiro pensamento de seus ensinamentos.

38. Quando terá de vir esse novo revelador? É evidente que se, na época em que Jesus falava, os homens não se achavam em estado de compreender as coisas que lhe restavam a dizer, não seria em alguns anos apenas que poderiam adquirir as luzes necessárias a entendê-las. Para a inteligência de certas partes do Evangelho, excluídos os preceitos morais, faziam-se mister conhecimentos que só o progresso das ciências facultaria e que tinham de ser obra do tempo e de muitas gerações. Se, portanto, o novo Messias tivesse vindo pouco tempo depois do Cristo, houvera encontrado o terreno ainda nas mesmas condições e não teria feito mais do que o mesmo Cristo. Ora, desde aquela época até os nossos dias, nenhuma grande revelação se produziu que haja completado o Evangelho e elucidado suas partes obscuras, indício seguro de que o Enviado ainda não aparecera.

39. Qual deverá ser esse Enviado? Dizendo: “Pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro Consolador”, Jesus claramente indica que esse Consolador não seria ele, pois, do contrário, dissera: “Voltarei a completar o que vos tenho ensinado.” Não só tal não disse, como acrescentou:

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

A fim de que fique eternamente convosco e ele estará em vós. Esta proposição não poderia referir-se a uma individualidade encarnada, visto que não poderia ficar eternamente conosco, nem, ainda menos, estar em nós; compreendemo-la, porém, muito bem com referência a uma doutrina, a qual, com efeito, quando a tenhamos assimilado, poderá estar eternamente em nós. O Consolador é, pois, segundo o pensamento de Jesus, a personificação de uma doutrina soberanamente consoladora, cujo inspirador há de ser o Espírito de Verdade.

40. O Espiritismo realiza, como ficou demonstrado (cap. I, nº 30), todas as condições do Consolador que Jesus prometeu. Não é uma doutrina individual, nem de concepção humana; ninguém pode dizer-se seu criador. É fruto do ensino coletivo dos Espíritos, ensino a que preside o Espírito de Verdade. Nada suprime do Evangelho: antes o completa e elucida. Com o auxílio das novas leis que revela, conjugadas essas leis às que a Ciência já descobrira, faz se compreenda o que era ininteligível e se admita a possibilidade daquilo que a incredulidade considerava inadmissível. Teve precursores e profetas, que lhe pressentiram a vinda. Pela sua força moralizadora, ele prepara o reinado do bem na Terra. A doutrina de Moisés, incompleta, ficou circunscrita ao povo judeu; a de Jesus, mais completa, se espalhou por toda a Terra, mediante o Cristianismo, mas não converteu a todos; o Espiritismo, ainda mais completo, com raízes em todas as crenças, converterá a Humanidade. (1)

(1) Todas as doutrinas filosóficas e religiosas trazem o nome do seu fundador. Diz-se: o Moisaísmo, o Cristianismo, o Maometismo, o Budismo, o Cartesianismo, o Furierismo, o São-Simonismo, etc. A palavra Espiritismo, ao contrário, não lembra nenhuma personalidade; encerra uma idéia geral, que ao mesmo tempo indica o caráter e o tronco múltiplo da doutrina.

41. Dizendo a seus apóstolos: “Outro virá mais tarde, que vos ensinará o que agora não posso ensinar”, proclamava Jesus a necessidade da reencarnação. Como poderiam aqueles homens aproveitar do ensino mais completo que ulteriormente seria ministrado; como estariam aptos a compreendê-lo, se não tivessem de viver novamente? Jesus houvera proferido uma coisa inconsequente se, de acordo com a doutrina vulgar, os homens futuros houvessem de ser homens novos, almas saídas do nada por ocasião do nascimento.

Admita-se, ao contrário, que os apóstolos e os homens do tempo deles tenham vivido depois; que ainda hoje revivem, e plenamente justificada estará a promessa de Jesus. Tendo-se desenvolvido ao contacto do progresso social, a inteligência deles pode presentemente comportar o que então não podia. Sem a reencarnação a promessa de Jesus fora ilusória.

42. Se disserem que essa promessa se cumpriu no dia de Pentecostes, por meio da descida do Espírito Santo, poder-se-á responder que o Espírito Santo os inspirou, que lhes desanuviou a inteligência, que desenvolveu neles as aptidões mediúnicas destinadas a facilitar-lhes a missão, porém que nada lhes ensinou além daquilo que Jesus já ensinara, porquanto, no que deixaram, nenhum vestígio se encontra de um ensinamento especial. O Espírito Santo, pois, não realizou o que Jesus anunciara relativamente ao Consolador; a não ser assim, os apóstolos teriam elucidado o que, no Evangelho, permaneceu obscuro até ao dia de hoje e cuja interpretação contraditória deu origem às inúmeras seitas que dividiram o Cristianismo desde os primeiros séculos.

O Cristo Consolador

O Cristo Consolador é feliz expressão utilizada por Allan Kardec para indicar que todas as misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Allan Kardec: (O evangelho segundo o espiritismo, cap. VI, item 2.)

A expressão tem como referência estes ensinamentos de Jesus: Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mi, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e meu fardo é leve. (Mateus, 11:28-30. Bíblia de Jerusalém).

O Espiritismo é entendido como sendo o consolador prometido por Jesus porque chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas fazendo compreender o que o Cristo só disse por parábolas.

O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque fala sem figuras e sem alegorias; levanta o véu intencionalmente lançado sobre certos mistérios.

Vem, finalmente, trazer a suprema consolação aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores. Allan Kardec: (O evangelho segundo o espiritismo, cap. VI, item 4.)

Com o advento do Cristianismo, porém, Jesus revela Deus, o Criador Supremo, como Pai, amoroso e misericordioso, que não exige dos crentes manifestações externas de devoção.

Essa idéia, diametralmente oposta ao “deus dos exércitos”, que determina a morte, o sofrimento e a destruição dos próprios filhos, provocou muitos conflitos e entrecosques de opiniões entre os judeus e, mesmo entre os primeiros cristãos.

O Cristo Consolador Importa considerar que:

Jesus não foi um filósofo e nem poderá ser classificado entre os valores propriamente humanos, tendo-se em conta os valores divinos de sua hierarquia espiritual, na direção das coletividades terrícolas.

Enviado de Deus, ele foi a representação do Pai junto do rebanho de filhos transviados do seu amor e da sua sabedoria, cuja tutela lhe foi confiada nas ordenações sagradas da vida no Infinito. Diretor angélico do orbe, seu coração não desdenhou a permanência direta entre os tutelados míseros e ignorantes, dando ensejo às palavras do apóstolo, acima referidas.

Tais idéias são condizentes com outras existentes em O livro dos espíritos, questão 625, em que os Orientadores da Codificação Espírita informam ser Jesus o tipo mais perfeito que Deus tem oferecido ao homem, para lhe servir de guia e modelo.

Sendo assim, ainda que não tenhamos noção exata da dimensão espiritual de Jesus, da sua missão e do que ele representa para a Humanidade terrestre, é necessário, como medida de prudência e de fé, seguir as orientações e esclarecimentos prestados pelo próprio Jesus e pelos benfeitores espirituais a respeito do Mestre, ao longo dos séculos.

Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, ou seja, desenvolve-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-las ao grau de adiantamento dos homens. É por isso que se encontra, nessa lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, que constitui a base da sua doutrina.

Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, não podia fazer-las passar por uma reforma mais radical, do que as reduzindo a esta única prescrição:

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

“Amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”, e acrescentando: aí estão toda a lei e os profetas. Por estas palavras: “O céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja cumprido até o último iota”, Jesus quis dizer que era necessário que a lei de Deus fosse cumprida, isto é, praticada na Terra inteira, em toda a sua pureza, com todos os seus desdobramentos e consequências.

No capítulo sexto de O evangelho segundo o espiritismo, intitulado O Cristo Consolador, Allan Kardec discorre sobre a importância de aceitarmos o jugo do Cristo, e, necessidade de envidarmos todos os esforços para entender e praticar a sua mensagem imortal. Esclarece também que este entendimento pode ser realizado por meio dos ensinamentos espíritas, uma vez que o Espiritismo é o consolador prometido, pois Jesus “é a alavanca de que Deus se utiliza para fazer que a Humanidade avance.” Em outro momento, afirma o Codificador:

São chegados os tempos em que as idéias morais hão de desenvolver-se, para que se realizem os progressos que estão nos desígnios de Deus. Têm elas de seguir a mesma rota que percorreram as idéias de liberdade, suas precursoras. Porém, não se deve acreditar que esse desenvolvimento se faça sem lutas. Não, aquelas idéias precisam, para atingirem a maturidade, de abalos e discussões, a fim de que atraiam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a beleza e a santidade da moral tocarão os espíritos, e eles se dedicarão a uma ciência que, lhes dá, a chave da vida futura e lhes abre as portas da felicidade eterna.

XIII – SEGUNDO ADVENTO DO CRISTO

43. Disse então Jesus a seus discípulos: Se algum quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; — porquanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá e aquele que perder a vida por amor de mim a encontrará de novo.

De que serviria a um homem ganhar o mundo inteiro e perder a alma? Ou por que preço poderá o homem comprar sua alma, depois de a ter perdido?

— Porque, o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com seus anjos, e então dará a cada um segundo as suas obras.

Digo-vos, em verdade, que alguns daqueles que aqui se encontram não sofrerão a morte, sem que tenham visto vir o Filho do homem no seu reino. (S. Mateus, 16:24 a 28.)

44. Então, levantando-se do meio da assembleia, o sumo sacerdote interrogou a Jesus desta forma: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? — Mas Jesus se conservava em silêncio e não respondeu. Interrogou-o de novo o sumo sacerdote: És o Cristo, o Filho de Deus para sempre Bendito? — Jesus lhe respondeu: Eu o sou e vereis um dia o Filho do homem assentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu. Logo o sumo sacerdote, rasgando as vestes, lhe diz: Que necessidade temos de mais testemunhos? (S. Marcos, 16:60 a 63.)

45. Jesus anuncia o seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra com um corpo carnal, nem que personificará o Consolador. Apresenta-se como tendo de vir em Espírito, na glória de seu Pai, a julgar o mérito e o demérito e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos forem chegados.

Estas palavras: “Alguns há dos que aqui estão que não sofrerão a morte sem terem visto vir o Filho do homem no seu reinado” parecem encerrar uma contradição, pois é incontestável que ele não veio em vida de nenhum daqueles que estavam presentes.

Jesus, entretanto, não podia enganar-se numa previsão daquela natureza e, sobretudo, com relação a uma coisa contemporânea e que lhe dizia pessoalmente respeito. Há, primeiro, que indagar se suas palavras foram sempre reproduzidas fielmente.

É de duvidar-se, desde que se considere que ele nada escreveu; que elas só foram registradas depois de sua morte; que o mesmo discurso cada evangelista o exarou em termos diferentes, o que constitui prova evidente de que as expressões de que eles se serviram não são textualmente as de que se serviu Jesus.

Além disso, é provável que o sentido tenha sofrido alterações ao passar pelas traduções sucessivas. Por outro lado, é indubitável que, se Jesus houvesse dito tudo o que pudera dizer, ele se teria expressado sobre todas as coisas de modo claro e preciso, sem dar lugar a qualquer equívoco, conforme o fez com relação aos princípios de moral, ao passo que foi obrigado a velar o seu pensamento acerca dos assuntos que não julgou conveniente aprofundar.

Persuadidos de que a geração de que faziam parte testemunharia o que ele anunciava, os discípulos foram levados a interpretar o pensamento de Jesus de acordo com aquela idéia. Assim é que redigiram do ponto de vista do presente o que o Mestre dissera, fazendo-o de maneira mais absoluta do que ele próprio o teria feito. Seja como for, o fato é que as coisas não se passaram como eles o supuseram.

46. A grande e importante lei da reencarnação foi um dos pontos capitais que Jesus não pôde desenvolver, porque os homens do seu tempo não se achavam suficientemente preparados para idéias dessa ordem e para as suas conseqüências. Contudo, assentou o princípio da referida lei, como o fez relativamente a tudo mais.

Estudada e posta em evidência nos dias atuais pelo Espiritismo, a lei da reencarnação constitui a chave para o entendimento de muitas passagens do Evangelho que, sem ela, parecem verdadeiros contrassensos.

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

É por meio dessa lei que se encontra a explicação racional das palavras acima, admitidas que sejam como textuais. Uma vez que elas não podem ser aplicadas às pessoas dos apóstolos, é evidente que se referem ao futuro reinado do Cristo, isto é, ao tempo em que a sua doutrina, mais bem compreendida, for lei universal.

Dizendo que alguns dos ali presentes na ocasião veriam o seu advento, ele forçosamente se referia aos que estarão vivos de novo nessa época. Os judeus, porém, imaginavam que lhes seria dado ver tudo o que Jesus anunciava e tomavam ao pé da letra, suas frases alegóricas. Aliás, algumas de suas predições se realizaram no devido tempo, tais como a ruína de Jerusalém, as desgraças que se lhe seguiram e a dispersão dos judeus. Sua visão, porém, se projetava muito mais longe, de sorte que, quando falava do presente, sempre aludia ao futuro.

Especial

432 – 20/09/2015

O Consolador – (Eurípedes Kuhl)

XIII. Segundo advento do Cristo

Segundo advento do Cristo

Um segundo advento do Cristo pode perfeitamente ocorrer, como Ele próprio o afirmou categoricamente

A propósito do segundo advento do Cristo, Allan Kardec, em “A Gênese” (1), destaca inicialmente dois trechos do Evangelho:

1º – Em Mateus, cap. XVI, vv. 24 a 28:

Disse então Jesus a seus discípulos: Se algum quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; - porquanto, aquele que quiser salvar a vida a perderá e aquele que perder a vida por amor de mim a encontrará de novo. – Pois o Filho do homem deve vir na glória de seu Pai, com seus anjos, e então dará a cada um segundo suas obras. Digo-vos, em verdade, que alguns daqueles que aqui se encontram não sofrerão a morte, sem que tenham visto vir o Filho do homem no seu reino.

2º – Em Marcos, cap. XIV, vv. 61 e 62:

O sumo sacerdote ainda o interrompeu e lhe disse: Sois vós o Cristo, o filho de Deus abençoado para sempre?

Jesus lhe respondeu: Eu sou, e vereis um dia o Filho do homem sentado à direita da majestade de Deus, vindo sobre as nuvens do céu.

Desses dois trechos Kardec considera:

Jesus anuncia o seu segundo advento, mas não diz que voltará à Terra com corpo carnal, nem que personificará o Consolador. Apresenta-se como tendo de vir em Espírito, na glória de seu Pai, a julgar o mérito e o demérito e dar a cada um segundo as suas obras, quando os tempos forem chegados.

Considerando que nos alvares do terceiro milênio muitos são os cristãos que estabelecem interpretação equivocada de alguns trechos evangélicos, e em particular dos acima transcritos, com humildade e prudência apresento reflexões encontradas no Espiritismo, que talvez venham a dissipar quaisquer névoas sobre o seu entendimento.

Jesus jamais nos deixou, nem nos deixaria

Os trechos citados formam um grande painel, cuja síntese espírita, sempre concorde com Kardec, pode ser a seguinte:

A. A vida imortal é a do Espírito — a física, efêmera. Convém, pois, que cuidemos da primeira, com desprendimento da segunda (a material);

B. Jesus vir com anjos para dar reconhecimento (méritos) subentende a aplicação, pelo Plano Espiritual, da Lei Divina de Justiça, que terá repercussão na Terra, onde atualmente vivem os bons junto com os maus; tal aplicação terá por objetivo separá-los, de forma que:

- os bons (por seus créditos de virtudes) receberão passaporte para permanecerem na Terra, então regenerada (planeta de regeneração é aquele onde o bem supera o mal);
- os maus terão emigrado compulsoriamente para mundos mais atrasados do que este, onde levarão progresso, ao tempo que se redimirão;

C. Uma segunda vinda de Jesus nos remete inicialmente a três reflexões:

1ª – um segundo advento do Cristo pode perfeitamente ocorrer. Ele o afirmou categoricamente. Assim, o que impediria tal ocorrência?

2ª – Mas, para os não cristãos, Jesus não seria o “Cristo” (Ungido de Deus, o Messias), o qual nem sequer teria vindo uma primeira vez. Assim, no atual patamar religioso terreno, uma eventual

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

volta de Jesus, como da primeira vez, pelo menos para muitos, provavelmente não o fará ser considerado o Messias. Como vemos, aqui há um embate de credos.

3ª – Para a maioria dos cristãos (espíritas, em particular), Jesus não retornará porque – jamais nos deixou, ou deixaria. Apoiam-se na afirmação do próprio Cristo: “Eis que estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo” (Mateus 28:20).

O tema “volta de Jesus” deve ser tratado com prudência

De minha parte, excluindo a 2ª reflexão, as 1ª e 3ª conciliam-se e tanto uma quanto a outra são viáveis. Ademais, essa questão da “volta de Jesus” deve ser encarada com muita prudência. Para começar, três dias após a crucificação Ele esteve com os Apóstolos, a partir da Estrada de Emaús (Lucas, cap. 24).

Além das considerações de Kardec, que sintetizei acima, colhi as de outros quatro espíritas, todas bem econômicas, demonstrando que o tema não se presta a grandes dissertações.

Ei-las:

1ª – Em “Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo”, de Aurélio A. Valente, cap. IX, p. 204 e 205, Ed. 1937, FEB, RJ/RJ:

“Jesus descerá em toda a sua glória, dirigindo a falange dos Espíritos eleitos do Senhor. De acordo com as escrituras, Ele veio entre os hebreus restabelecer o reino de Deus, mas não foi reconhecido porque eles esperavam o reinado dos homens”.

2ª – Em “Allan Kardec”, de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, Vol. III, p. 85, 2ª Ed., 1982, FEB, RJ/RJ:

“A vinda de Jesus, anunciada no Evangelho, processar-se-á, no porvir, quando necessária, no tempo certo, que não sabemos avaliar”.

3ª – Em “Jesus – nem Deus, nem homem”, de Guillon Ribeiro, p. 14, 3ª Ed., 1990, FEB, RJ/RJ:

“Esse segundo advento (de Jesus) se dará quando o mesmo Jesus, como Espírito da Verdade, vier em todo o seu fulgor espírita ao planeta terreno purificado e transformado, na qualidade de seu soberano, visível para as criaturas também purificadas e transformadas, mostrar a verdade sem véu”.

O Juízo Final simboliza a regeneração planetária

4ª – Em “Quando voltar a primavera”, de Amélia Rodrigues, psicografia de Divaldo P. Franco, p. 13, 6ª Ed., 1997, LEAL, Salvador/BA:

“Jesus prossegue sendo a eterna Primavera por que todos anelamos. Esperar a Sua volta é a ambição que devemos, no momento, acalantar, preparando a Terra desde então para esse momento de vida, beleza e abundância.”

Dentro do tema, Kardec, ainda em “A Gênese”, registra (2):

Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória; e, reunidas à sua frente todas as nações, ele separará uns dos outros, como um pastor separa dos bodes as ovelhas, e colocará à sua direita as ovelhas e à sua esquerda os bodes. (Mateus, cap. XXV, vers. de 31 a 33).

Inúmeras são as reflexões de incontáveis autores espíritas sobre o Juízo Final, máxime sobre essa afirmação evangélica que preconiza a separação de bodes para um lado e ovelhas para outro: em análise objetiva, tais palavras expressam o reconhecimento dos méritos de cada Espírito terreno, encarnado ou desencarnado — aos bons, a Terra regenerada, e aos maus, expurgo daqui, com passaporte e emigração compulsória para mundos primitivos ou mesmo de “provas e expiações”, que os há aos milhões, no Universo.

Destarte, para mim e creio que para os demais espíritas, o “Juízo Final” simboliza a regeneração planetária, pelo que nem “Final”, nem coletivo, mas sim, individual, nem tal julgamento acontecerá num exato momento para todos: na opinião de vários Espíritos, Kardec inclusive (3), ele (Juízo

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

Final) já começou há tempos e nisso, aliás, como desde sempre, quem define com infalível acerto as coisas é a consciência de cada um, ditando-lhe seu destino.

Jesus nunca foi unanimidade na Terra

Àqueles que tenham anestesiada a consciência, a infalibilidade das Leis Divinas, em particular a de Justiça, aplica-se automaticamente, no dizer magnânimo de Jesus, que repito: a cada um, segundo suas obras.

Mas, ainda refletindo sobre uma eventual volta de Jesus, há uma penosa realidade (pelo menos nos tempos de hoje) para os cristãos: Ele não é nem nunca foi unanimidade terrena.

Senão, vejamos:

– à época de Jesus na Terra, a população mundial, segundo estimativa de alguns demógrafos, oscilava de 170 a 250 milhões de habitantes; fico na média;

– somente uma minoria, durante séculos adiante, aceitou-O como o Mestre dos mestres;

– até hoje, não aceitar o Cristo como o Messias, de forma alguma exclui alguém de proceder fraternalmente, de “ser do bem”. Não! Ser bom jamais foi apanágio apenas dos seguidores de qualquer credo ou religião, ou mesmo de eventuais ateus. Obviamente que seguir os ensinamentos de Jesus é a melhor de todas as maneiras possíveis para o Espírito evoluir;

– no livro “Roteiro”, cap. 9 “O grande educandário”, Ed. de 1952, da FEB, RJ/RJ, pela psicografia de F. C. Xavier, o Espírito Emmanuel informava que para os dois bilhões de Espíritos então encarnados havia vinte bilhões desencarnados (2:20);

– no “Anuário Espírita de 1964”, Ed. do I.D.E., Araras/SP, em entrevista e pela psicografia de F. C. Xavier, o Espírito André Luiz informava que para os três bilhões de Espíritos encarnados havia “para mais de vinte bilhões desencarnados” (3:21);

– assim, na primeira citação (de Emmanuel), tem-se que para um encarnado havia dez desencarnados (1:10), e na segunda (de André Luiz), a proporção era de um para sete (1:7).

Atualmente (2015), mais de sete bilhões de pessoas habitam a Terra. (4)

Entre os desencarnados, quantos serão cristãos?

O expressivo aumento de habitantes da Terra, do tempo de Jesus entre nós ao século XX, parece sinalizar que o planeta Terra é destino de grande número de Espíritos alienígenas — essa é apenas uma conjectura, que como tal, não passa de opinião pessoal.

— Quantos desencarnados ao tempo de Jesus e atualmente?

Imaginar qual o número de desencarnados ao tempo de Jesus (± 210 milhões de encarnados) é número que fica difícil de ajuizar, para não dizer impossível. Atualmente, da minha parte não tenho notícia de que tenha havido informação “atualizando” as de Emmanuel e André Luiz, já citadas.

— E, dos desencarnados, hoje, quantos seriam cristãos?

Resposta igualmente difícil, absolutamente inviável.

Opino que saber o número de desencarnados cristãos, nestas reflexões, seria um dado complementar, apenas para estimar se alguns Espíritos não tiveram ainda algum contato com Jesus, desde que o Mestre esteve entre nós, há cerca de dois mil anos. Com essa resposta, poderia aventar para quantos um eventual retorno de Jesus seria repetição para uns e primeira vez, para outros.

Reflico também na pungente realidade atual: segundo o “Almanaque ABRIL – Sociedade” de 2015, Editora Abril, SP/SP, p. 142, em 2014 havia cerca de dois bilhões e quatrocentos milhões de cristãos no mundo. Ora, dedutivamente, quatro bilhões e seiscentos milhões de encarnados não O têm como referencial de Messias, Cristo ou “Salvador” ($7 - 2,4 = 4,6$).

Triste Humanidade.

Imagino que só quando houver merecimento terreno ocorrerá um novo estágio de Jesus entre nós. Então, esse eventual quanto abençoado advento, com os fantásticos meios de divulgação já existentes, com certeza catalisará a atenção mundial, incentivando sublime e expressiva melhoria moral da Humanidade, com isso arrimando a regeneração deste planeta!

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

- (1) **Kardec** Allan, A Gênese, (Cap. XVII, nº 43 e 44, p. 389.)
- (2) **Kardec** Allan, A Gênese, (Cap. XVII, Juízo final, nº 62, p. 397.)
- (3) **Kardec** Allan, A Gênese, (Cap. XVIII, São chegados os tempos.)
- (4) Segundo estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), publicadas em 2014 na mídia internacional, a população mundial atingiu a marca de 7 bilhões de pessoas em Outubro/2011.

XIV – SINAIS PRECURSORES

47. Também ouvireis falar de guerra e de rumores de guerra; tratai de não vos perturbardes, porquanto é preciso que essas coisas se deem; mas, ainda não será o fim — pois ver-se-á povo levantar-se contra povo e reino contra reino; e haverá pestes, fomes e tremores de terra em diversos lugares — todas essas coisas serão apenas o começo das dores. (S. Mateus, 24:6 a 8.)

48. Então, o irmão entregará o irmão para ser morto; os filhos se levantarão contra seus pais e suas mães e os farão morrer. — Sereis odiados de toda a gente por causa do meu nome; mas, aquele que perseverar até ao fim será salvo. (S. Marcos, 13:12-13.)

49. Quando virdes que a abominação da desolação, que foi predita pelo profeta Daniel, está no lugar santo (que aquele que lê entenda bem o que lê);
— fujam então para as montanhas os que estiverem na Judéia (1);
— não desça aquele que estiver no telhado, para levar de sua casa qualquer coisa; — e não volte para apanhar suas roupas aquele que estiver no campo.
— Mas, ai das mulheres que estiverem grávidas ou amamentando nesses dias.
— Pedi a Deus que a vossa fuga não se dê durante o inverno, nem em dia de sábado
— porquanto a aflição desse tempo será tão grande, como ainda não houve igual desde o começo do mundo até o presente e como nunca mais haverá.
— E se esses dias não fossem abreviados, nenhum homem se salvaria; mas esses dias serão abreviados em favor dos eleitos. (S. Mateus, 24:15 a 22.)

(1) Esta expressão: a abominação da desolação não só carece de sentido, como se presta ao ridículo.

A tradução de Ostervald diz: “A abominação que causa a desolação”, o que é muito diferente.

O sentido então se torna perfeitamente claro, porquanto se compreende que as abominações hajam de acarretar a desolação, como castigo.

Quando a abominação, diz Jesus, se instalar no lugar santo, também a desolação para aí virá e isso constituirá um sinal de que estão próximos os tempos.

50. Logo depois desses dias de aflição, o Sol se obscurecerá e a Lua deixará de dar sua luz; as estrelas cairão do céu e as potestades dos céus serão abaladas. Então, o sinal do Filho do homem aparecerá no céu e todos os povos da Terra estarão em prantos e em gemidos e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu com grande majestade.

Ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas e que reunirão seus eleitos dos quatro cantos do mundo, de uma extremidade a outra do céu. Aprendei uma comparação tirada da figueira. Quando seus ramos já estão tenros e dão folhas, sabeis que está próximo o estio.

— Do mesmo modo quando virdes todas essas coisas, sabeis que vem próximo o Filho do homem, que ele se acha como que à porta. Digo-vos, em verdade, que esta raça não passará, sem que todas essas coisas se tenham cumprido.

(S. Mateus, 24:29 a 34.)

E acontecerá no advento do Filho do homem o que aconteceu ao tempo de Noé — pois, como nos últimos tempos antes do dilúvio, os homens comiam e bebiam, se casavam e casavam seus filhos, até ao dia em que Noé entrou na arca;

— e assim como eles não conheceram o momento do dilúvio, senão quando este sobreveio e arrebatou toda a gente, assim também será no advento do Filho do homem.

(S. Mateus, 24:37 a 39.)

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

51. Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém o sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, mas somente o Pai. (S. Marcos, 13:32.)

52. Em verdade, em verdade vos digo: chorareis e gemereis, e o mundo se rejubilará; estareis em tristeza, mas a vossa tristeza se mudará em alegria. — Uma mulher, quando dá à luz, está em dor, porque é vinda a sua hora; mas depois que ela dá à luz um filho, não mais se lembra de todos os males que sofreu, pela alegria que experimenta de haver posto no mundo um homem. — É assim que agora estais em tristeza; mas, eu vos verei de novo e o vosso coração rejubilará e ninguém vos arrebatará a vossa alegria.
(S. João, 16:20 a 22.)

53. Levantar-se-ão muitos falsos profetas que seduzirão a muitas pessoas; — e, porque abundará a iniquidade, a caridade de muitos esfriará; — mas, aquele que perseverar até o fim será salvo. — E este Evangelho do reino será pregado em toda a Terra, para servir de testemunho a todas as nações. É então que o fim chegará.
(S. Mateus, 24:11 a 14.)

54. É evidentemente alegórico este quadro do fim dos tempos, como a maioria dos que Jesus compunha. Pelo seu vigor, as imagens que ele encerra são de natureza a impressionar inteligências ainda rudes. Para tocar fortemente aquelas imaginações pouco sutis, eram necessárias pinturas vigorosas, de cores bem acentuadas.

Ele se dirigia principalmente ao povo, aos homens menos esclarecidos, incapazes de compreender as abstrações metafísicas e de apanhar a delicadeza das formas. A fim de atingir o coração, fazia-se lhe mister falar aos olhos, com o auxílio de sinais materiais, e aos ouvidos, por meio da força da linguagem.

Como conseqüência natural daquela disposição de espírito, à suprema potestade, segundo a crença de então, não era possível manifestar-se, a não ser por meio de fatos extraordinários, sobrenaturais. Quanto mais impossíveis fossem esses fatos, tanto mais facilmente aceita era a probabilidade deles.

O Filho do homem, a vir sobre nuvens, com grande majestade, cercado de seus anjos e ao som de trombetas, lhes parecia de muito maior imponência, do que a simples vinda de uma entidade investida apenas de poder moral. Por isso mesmo, os judeus, que esperavam no Messias um rei terreno, mais poderoso do que todos os outros reis, destinado a colocar-lhes a nação à frente de todas as demais e a reerguer o trono de David e de Salomão, não quiseram reconhecê-lo no humilde filho de um carpinteiro, sem autoridade material.

No entanto, aquele pobre proletário da Judéia se tornou o maior entre os grandes; conquistou para a sua soberania maior número de reinos, do que os mais poderosos potentados; exclusivamente com a sua palavra e o concurso de alguns miseráveis pescadores, revolucionou o mundo e a ele é que os judeus virão a dever sua reabilitação. Disse, pois, uma verdade, quando, respondendo a esta pergunta de Pilatos: “És rei?” respondeu: “Tu o dizes.”

55. É de notar-se que, entre os antigos, os tremores de terra e o obscurecimento do Sol eram acessórios forçados de todos os acontecimentos e de todos os presságios sinistros. Com eles deparamos, por ocasião da morte de Jesus, da de César e num sem-número de outras circunstâncias da história do paganismo.

Se tais fenômenos se houvessem produzido tão amiudadas vezes quantas são relatados, fora de ter-se por impossível que os homens não houvessem guardado deles lembrança pela tradição. Aqui, acrescenta-se a queda de estrelas, do céu, como que a mostrar às gerações futuras, mais esclarecidas, que não há nisso senão uma ficção, pois que agora se sabe que as estrelas não podem cair.

56. Entretanto, sob essas alegorias, grandes verdades se ocultam. Há, primeiramente, a predição das calamidades de todo gênero que assolarão e dizimarão a Humanidade, calamidades

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

decorrentes da luta suprema entre o bem e o mal, entre a fé e a incredulidade, entre as idéias progressistas e as idéias retrógradas. Há, em segundo lugar, a da difusão, por toda a Terra, do Evangelho restaurado na sua pureza primitiva; depois, a do reinado do bem, que será o da paz e da fraternidade universais, a derivar do código de moral evangélica, posto em prática por todos os povos. Será, verdadeiramente, o reino de Jesus, pois que ele presidirá à sua implantação, passando os homens a viver sob a égide da sua lei. Será o reinado da felicidade, porquanto diz ele que — “depois dos dias de aflição, virão os de alegria.”

57. Quando sucederão tais coisas? “Ninguém o sabe, diz Jesus, nem mesmo o Filho.” Mas, quando chegar o momento, os homens serão advertidos por meio de sinais precursores. Esses indícios, porém, não estarão nem no Sol, nem nas estrelas; mostrar-se-ão no estado social e nos fenômenos mais de ordem moral do que físicos e que, em parte, se podem deduzir das suas alusões.

É indubitável que aquela mutação não poderia operar-se em vida dos apóstolos, pois, do contrário, Jesus não lhe desconheceria o momento. Aliás, semelhante transformação não era possível se desse dentro de apenas alguns anos. Contudo, dela lhes fala como se eles a houvessem presenciado; é que, com efeito, eles poderão estar reencarnados quando a transformação se der e, até, colaborar na sua efetivação.

Ele ora fala da sorte próxima de Jerusalém, ora toma esse fato por ponto de referência ao que ocorreria no futuro.

58. Será que, predizendo a sua segunda vinda, era o fim do mundo o que Jesus anunciava, dizendo: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim?” Não é racional se suponha que Deus destrua o mundo precisamente quando ele entre no caminho do progresso moral, pela prática dos ensinamentos evangélicos.

Nada, aliás, nas palavras do Cristo, indica uma destruição universal que, em tais condições, não se justificaria. Devendo a prática geral do Evangelho determinar grande melhora no estado moral dos homens, ela, por isso mesmo, trará o reinado do bem e acarretará a queda do mal. É, pois, o fim do mundo velho, do mundo governado pelos preconceitos, pelo orgulho, pelo egoísmo, pelo fanatismo, pela incredulidade, pela cupidez, por todas as paixões pecaminosas, que o Cristo aludia, ao dizer: “Quando o Evangelho for pregado por toda a Terra, então é que virá o fim.”

Esse fim, porém, para chegar, ocasionaria uma luta e é dessa luta que advirão os males por ele previstos.

1136. A todas as suas criaturas, sem exceção alguma, concede Deus igual liberdade de ação para progredirem; o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do corpo, nenhuma interrupção ocasionará à marcha progressiva do Espírito. Tais as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

1137. Segundo tal pensamento, não é exata a qualificação de juízo final, pois que os Espíritos passam por análogas fieiras a cada renovação dos mundos por eles habitados, até que atinjam certo grau de perfeição. Não há, portanto, juízo final propriamente dito, mas juízos gerais em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

1138. **Sinais dos tempos** – São chegados os tempos marcados por Deus, em que grandes acontecimentos se vão dar para regeneração da Humanidade. Em que sentido se devem entender essas palavras proféticas? Para os incrédulos, nenhuma importância têm; aos seus olhos, nada mais exprimem que uma crença pueril, sem fundamento. Para a maioria dos crentes, elas apresentam qualquer coisa de místico e de sobrenatural, parecendo-lhes prenunciadoras da subversão das leis da Natureza.

1139. São igualmente errôneas ambas essas interpretações; a primeira, porque envolve uma negação da Providência; a segunda, porque tais palavras não anunciam a perturbação das leis da Natureza, mas o cumprimento dessas leis.

1140. Tudo na criação é harmonia; tudo revela uma providência que não se desmente, nem nas menores, nem nas maiores coisas. Temos, pois, que afastar, desde logo, toda ideia de capricho, por inconciliável com a sabedoria divina. Em segundo lugar, se a nossa época está designada para a realização de certas coisas, é que estas têm uma razão de ser na marcha do conjunto.

1141. Isto posto, diremos que o nosso globo, como tudo o que existe, está submetido à lei do progresso. Ele progride, fisicamente, pela transformação dos elementos que o compõem e, moralmente, pela depuração dos Espíritos encarnados e desencarnados que o povoam. Esses progressos se realizam paralelamente, porquanto o melhoramento da habitação guarda relação com o do habitante.

1142. Fisicamente, o globo terráqueo há experimentado transformações que a Ciência tem comprovado e que o tornaram sucessivamente habitável por seres cada vez mais aperfeiçoados. Moralmente, a Humanidade progride pelo desenvolvimento da inteligência, do senso moral e do abrandamento dos costumes. Ao mesmo tempo que o melhoramento do globo se opera sob a ação das forças materiais, os homens para isso concorrem pelos esforços de sua inteligência. Saneiam as regiões insalubres, tornam mais fáceis as comunicações e mais produtiva a terra.

1143. De duas maneiras se executa esse duplo progresso: uma, lenta, gradual e insensível; a outra, caracterizada por mudanças bruscas, a cada uma das quais corresponde um movimento ascensional mais rápido, que assinala, mediante impressões bem acentuadas, os períodos progressivos da Humanidade.

1144. Esses movimentos, subordinados, quanto às particularidades, ao livre-arbítrio dos homens, são, de certo modo, fatais em seu conjunto, porque estão sujeitos a leis, como os que se verificam na germinação, no crescimento e na maturidade das plantas. Por isso é que o movimento

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

progressivo se efetua, às vezes, de modo parcial, isto é, limitado a uma raça ou a uma nação, outras vezes, de modo geral.

1145. O progresso da Humanidade se cumpre, pois, em virtude de uma lei. Ora, como todas as leis da Natureza são obra eterna da sabedoria e da presciência divina, tudo o que é efeito dessas leis resulta da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Quando, por conseguinte, a Humanidade está madura para subir um degrau, pode dizer-se que são chegados os tempos marcados por Deus, como se pode dizer também que, em tal estação, eles chegam para a maturação dos frutos e sua colheita.

1146. Do fato de ser inevitável, porque é da natureza o movimento progressivo da Humanidade, não se segue que Deus lhe seja indiferente e que, depois de ter estabelecido leis, se haja recolhido à inação, deixando que as coisas caminhem por si sós. Sem dúvida, suas leis são eternas e imutáveis, mas porque a sua própria vontade é eterna e constante e porque o seu pensamento anima sem interrupção todas as coisas. Esse pensamento, que em tudo penetra, é a força inteligente e permanente que mantém a harmonia em tudo. Cessasse ele um só instante de atuar e o Universo seria como um relógio sem pêndulo regulador.

1147. Deus, pois, vela incessantemente pela execução de suas leis e os Espíritos que povoam o espaço são seus ministros, encarregados de atender aos pormenores, dentro de atribuições que correspondem ao grau de adiantamento que tenham alcançado.

1148. O Universo é, ao mesmo tempo, um mecanismo incomensurável, acionado por um número incontável de inteligências, e um imenso governo no qual cada ser inteligente tem a sua parte de ação sob as vistas do soberano Senhor, cuja vontade única mantém por toda parte a unidade. Sob o império dessa vasta potência reguladora, tudo se move, tudo funciona em perfeita ordem. Onde nos parece haver perturbações, o que há são movimentos parciais e isolados, que se nos afiguram irregulares apenas porque circunscrita é a nossa visão. Se lhes pudéssemos abarcar o conjunto, veríamos que tais irregularidades são apenas aparentes e que se harmonizam com o todo.

1149. A Humanidade tem realizado, até ao presente, incontestáveis progressos. Os homens, com a sua inteligência, chegaram a resultados que jamais haviam alcançado, sob o ponto de vista das ciências, das artes e do bem-estar material. Resta-lhes ainda um imenso progresso a realizar: o de fazerem que entre si reinem a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral. Não poderiam consegui-lo nem com as suas crenças, nem com as suas instituições antiquadas, restos de outra idade, boas para certa época, suficientes para um estado transitório, mas que, havendo dado tudo o que comportavam, seriam hoje um entrave.

1150. Já não é somente de desenvolver a inteligência o de que os homens necessitam, mas de elevar o sentimento e, para isso, faz-se preciso destruir tudo o que superexcite neles o egoísmo e o orgulho. Tal o período em que doravante vão entrar e que marcará uma das fases principais da vida da Humanidade. Essa fase, que neste momento se elabora, é o complemento indispensável do estado precedente, como a idade viril o é da juventude. Ela podia, pois, ser prevista e predita de antemão e é por isso que se diz que são chegados os tempos determinados por Deus.

1151. Nestes tempos, porém, não se trata de uma mudança parcial, de uma renovação limitada a certa região, ou a um povo. Trata-se de um movimento universal, a operar-se no sentido do progresso moral. Uma nova ordem de coisas tende a estabelecer-se, e os homens, que mais opostos lhe são, para ela trabalham a seu mau grado. A geração futura, desembaraçada das escórias do velho mundo e formada de elementos mais depurados, se achará possuída de ideias e de sentimentos muito diversos dos da geração presente.

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

1152. O velho mundo estará morto e apenas viverá na História, como o estão hoje os tempos da Idade Média, com seus costumes bárbaros e suas crenças supersticiosas. Aliás, todos sabem quanto ainda deixa a desejar a atual ordem de coisas.

1153. Depois de se haver, de certo modo, considerado todo o bem-estar material, produto da inteligência, logra-se compreender que o complemento desse bem-estar somente pode achar-se no desenvolvimento moral. Quanto mais se avança, tanto mais se sente o que falta, sem que, entretanto, se possa ainda definir claramente o que seja: é isso efeito do trabalho íntimo que se opera em prol da regeneração. Surgem desejos, aspirações, que são como que o pressentimento de um estado melhor.

1154. Uma mudança tão radical como a que se está elaborando não pode, porém, realizar-se sem comoções. Há, inevitavelmente, luta de ideias. Desse conflito forçosamente se originarão passageiras perturbações, até que o terreno se ache aplainado e restabelecido o equilíbrio. É, pois, da luta das ideias que surgirão os graves acontecimentos preditos e não de cataclismos ou catástrofes puramente materiais. Os cataclismos gerais foram consequência do estado de formação da Terra. Hoje, não são mais as entranhas do planeta que se agitam: são as da Humanidade.

XV – VOSSOS FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO

59. Nos últimos tempos, diz o Senhor, espalharei do meu espírito por sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. — Nesses dias, espalharei do meu espírito sobre os meus servidores e servidoras e eles profetizarão. (Atos, 2:17 a 18; Joel, 2:28 e 29.)

60. Se considerarmos o estado atual do mundo físico e do mundo moral, as tendências, aspirações e pressentimentos das massas, a decadência das idéias antigas que em vão se debatem há um século contra as idéias novas, não poderemos duvidar de que uma nova ordem de coisas se prepara e que o mundo velho chega a seu termo. Se, agora, levando em conta a forma alegórica de alguns quadros e perscrutando o sentido profundo das palavras de Jesus, compararmos a situação atual com os tempos por ele descritos, como assinaladores da era da renovação, não poderemos deixar de convir em que muitas das suas predições se estão presentemente realizando; donde a conclusão de que atingimos os tempos anunciados, o que confirmam, em todos os pontos do globo, os Espíritos que se manifestam.

61. Como vimos (cap. I, nº 32), coincidindo com outras circunstâncias, o advento do Espiritismo realiza uma das mais importantes predições de Jesus, pela influência que ele forçosamente tem de exercer sobre as idéias. Ele se encontra, além disso, anunciado, em os Atos dos Apóstolos: “Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e filhas profetizarão.” É a predição inequívoca da vulgarização da mediunidade, que presentemente se revela em indivíduos de todas as idades, de ambos os sexos e de todas as condições; a predição, por conseguinte, da manifestação universal dos Espíritos, pois que sem os Espíritos não haveria médiuns. Isso, conforme está dito, acontecerá nos últimos tempos; ora, visto que não chegamos ao fim do mundo, mas, ao contrário, à época da sua regeneração, devemos entender aquelas palavras como indicativas dos últimos tempos do mundo moral que chega a seu termo. (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XXI.)

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

Estudos

DM Estudos Espíritas

XV. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão

Nova ordem

Levando-se em conta o estado do mundo físico e moral, torna-se impossível duvidar, que uma nova ordem se prepara – concluindo-se que o mundo velho esta chegando a seu termo.

A profundidade das palavras de Jesus – a comparação da situação atual com os tempos por Ele assinalados – podemos concluir que muitas estão se realizando – concluindo-se que os tempos anunciados estão chegando.

O Espiritismo, uma das mais importantes predições de Jesus – visto a frande influência que ele exerce sobre as ideias – visto também que ele encontra-se anunciado nos Atos dos Apóstolos:

“Nos últimos tempos diz o Senhor, derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão.”

A fraternidade.

Ela deverá ser a pedra angular da nova ordem social, mas – ressalva Kardec – não existirá fraternidade real, sólida e efetiva se não for apoiada numa base inabalável, que é a fé, não a fé em tais ou quais dogmas, mas a fé nos princípios fundamentais que todos podem aceitar: Deus, a alma, o futuro, o progresso individual indefinido, a perpetuidade das relações entre os seres. (Revue Spirite de 1866 – pp. 289 a 301.)

Conforme as palavras de Kardec, não ocorrerá o fim do mundo material.

A Terra deverá progredir e não ser destruída.

Chegada a um de seus períodos de transformação, ela vai elevar-se na hierarquia dos mundos. Não é, pois, o fim do mundo material que se prepara, mas o fim do mundo moral.

É o velho mundo, o mundo dos preconceitos, do egoísmo, do orgulho, do fanatismo que se esboroa. (1)

(Revue Spirite de 1866 – pp. 301 a 310.)

(1) Reduzir a pó – desmoronando.

XVI – JUÍZO FINAL

62. Ora, quando o Filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória; — e, reunidas à sua frente todas as nações, ele separará uns dos outros, como um pastor separa dos bodes as ovelhas, e colocará à sua direita as ovelhas e à sua esquerda os bodes. — Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, etc. (S. Mateus, 25:31 a 46. — O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. XV.)

63. Tendo que reinar na Terra o bem, necessário é sejam dela excluídos os Espíritos endurecidos no mal e que possam acarretar-lhe perturbações. Deus permitiu que eles aí permanecessem o tempo de que precisavam para se melhorarem; mas, chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. Essa separação, a que Jesus presidirá, é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda.” (Cap. XI, nos 31 e seguintes.)

64. A doutrina de um juízo final, único e universal, pondo fim para sempre à Humanidade, repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade que precedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Que utilidade teriam então o Sol, a Lua e as estrelas que, segundo a Gênese, foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que tão imensa obra se haja produzido para tão pouco tempo e a benefício de seres votados de antemão, em sua maioria, aos suplícios eternos.

65. Materialmente, a idéia de um julgamento único seria, até certo ponto, admissível para os que não procuram a razão das coisas, quando se cria que a Humanidade toda se achava concentrada na Terra e que para seus habitantes, fora feito tudo o que o Universo contém.

É, porém, inadmissível, desde que se sabe que há milhares, de milhares, de mundos semelhantes, que perpetuam as Humanidades pela eternidade em fora e entre os quais a Terra é dos menos consideráveis, simples ponto imperceptível.

Vê-se, só por este fato, que Jesus tinha razão de declarar a seus discípulos: “Há muitas coisas que não vos posso dizer, porque não as compreenderíeis”, dado que o progresso das ciências era indispensável para uma interpretação legítima de algumas de suas palavras.

Certamente, os apóstolos, S. Paulo e os primeiros discípulos teriam estabelecido de modo muito diverso alguns dogmas se tivessem os conhecimentos astronômicos, geológicos, físicos, químicos, fisiológicos e psicológicos que hoje possuímos.

Daí vem o ter Jesus adiado a completação de seus ensinamentos e anunciado que todas as coisas haviam de ser restabelecidas.

66. Moralmente, um juízo definitivo e sem apelação não se concilia com a bondade infinita do Criador, que Jesus nos apresenta de contínuo como um bom Pai, que deixa sempre aberta uma senda para o arrependimento e que está pronto sempre a estender os braços ao filho pródigo. Se Jesus entendesse o juízo naquele sentido, desmentiria suas próprias palavras. Ao demais, se o juízo final houvesse de apanhar de improviso os homens, em meio de seus trabalhos ordinários, e grávidas as mulheres, caberia perguntar-se com que fim Deus, que não faz coisa alguma inútil ou injusta, faria nascessem crianças e criaria almas novas naquele momento supremo, no termo fatal da Humanidade.

Seria para submetê-las a julgamento logo ao saírem do ventre materno, antes de terem consciência de si mesmas, quando, a outros, milhares de anos foram concedidos para se inteirarem do que respeita à própria individualidade? Para que lado, direito ou esquerdo, iriam essas almas, que ainda não são nem boas nem más e para as quais, no entanto, todos os

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

caminhos de ulterior progresso se encontrariam desde então fechados, visto que a Humanidade não mais existiria? (Cap. II, nº 19.)

Conservem-nas os que se contentam com semelhantes crenças; estão no seu direito e ninguém nada tem que dizer a isso; mas, não achem mau que nem toda gente partilhe delas.

67. O juízo, pelo processo da emigração, conforme ficou explicado acima (nº 63), é racional; funda-se na mais rigorosa justiça, visto que conserva para o Espírito, eternamente, o seu livre-arbítrio; não constitui privilégio para ninguém; a todas as suas criaturas, sem exceção alguma, concede Deus igual liberdade de ação para progredirem; o próprio aniquilamento de um mundo, acarretando a destruição do corpo, nenhuma interrupção ocasionará à marcha progressiva do Espírito.

Tais as consequências da pluralidade dos mundos e da pluralidade das existências.

Segundo essa interpretação, não é exata a qualificação de juízo final, pois que os Espíritos passam por análogas feiras a cada renovação dos mundos por eles habitados, até que atinjam certo grau de perfeição.

Não há, portanto, juízo final propriamente dito, mas juízos gerais em todas as épocas de renovação parcial ou total da população dos mundos, por efeito das quais se operam as grandes emigrações e imigrações de Espíritos.

Crônicas e Artigos

297 – 03/02/2013

O Consolador – (Edo Mariani)

XVI. Juízo final

Como o Espiritismo vê o “fim do mundo?”

A doutrina Espírita ensina que Deus é a inteligência suprema do Universo e a causa primária de todas as coisas. Deus é eterno, não teve começo e não terá fim. É imutável porque sendo perfeito não há o que mudar. Deus é imaterial, único, onipotente, soberanamente bom e justo.

Deus criou os mundos e os Espíritos, estes todos iguais, simples e ignorantes, e a todos concedeu oportunidades para evoluir, através das vidas sucessivas, com a finalidade de se tornarem perfeitos e puros objetivando alcançar a felicidade plena.

Os mundos evoluem também. Podemos afirmar que existem mundos primitivos que são aqueles onde se reencarnam Espíritos que estão iniciando a sua evolução. Todos os mundos se modificam, evoluem sempre.

A Terra já não é mundo primitivo. Hoje é um mundo de expiação e de provas. Aqui os Espíritos se encontram, uns para provar o que já conquistaram de bom e outros para expiar faltas cometidas no nosso passado, em outras vidas.

Portanto, os endividados com as leis divinas, por erros praticados livremente, sofrem as consequências dos seus atos num trabalho de reparação, e pagamento de dívidas adquiridas com a violação da lei. Todos têm o direito de evoluir, cumprindo assim o ensinamento de Jesus, quando ensinou que das ovelhas que o Pai lhe confiou nenhuma se perderia. É por isso que aqui existe gente boa e gente que não é boa.

Muitos afirmam que o mundo está perdido, que não tem mais jeito, mas será que está perdido mesmo? As pessoas que assim pensam só conseguem enxergar o lado ruim das coisas, mas se olharmos para outro lado, coisas boas são realizadas, diariamente; muita gente trabalhando no bem.

O mundo está melhorando. Há ainda uma mistura de bem e mal e está chegando a hora da separação do joio e do trigo. Segundo a doutrina espírita, a Terra ainda é um mundo de expiação e de prova, vai se transformar em mundo de regeneração e só terá lugar para os bons, os que tiverem a disposição de continuar procedendo no campo do bem.

Os que não estão procedendo corretamente e que não merecerem viver em um mundo melhor serão retirados e, pela lei da afinidade, serão atraídos para outros mundos, talvez primitivos, onde haverá choro e ranger de dentes, como ensinou Jesus. Essa transição não é o fim deste Mundo; é sua renovação e promoção para um Mundo de Regeneração.

Tempo indeterminado. O tempo para a renovação é indeterminado.

Pelos últimos acontecimentos atmosféricos que têm abalado a Terra é possível entender e sentir que algo diferente está acontecendo, mas não é a determinação do fim do mundo.

Retornando a cinquenta anos atrás, constatar-se-á o progresso conquistado, quantas novas descobertas vieram de encontro ao bem-estar da humanidade.

A vida está se tornando melhor. Mas tem gente atrapalhando a tranquilidade e o bem-estar dos bons. Não é justo que os bons paguem pelo erro dos outros. Estes serão retirados daqui e transferidos para uma escola de correção de seus erros.

Transformação do mundo. Não existe, portanto fim de mundo. O que existe é transformação do mundo. O momento é de transição e aí está a causa dos distúrbios que são verificados.

Tudo no Universo é evolução, tudo se transforma para melhor.

O mundo não se destrói. Muitos pregam que Jesus falou do final dos tempos sobre o juízo final; na separação dos bons, dos maus. Interpretam erroneamente essa passagem como se Ele pregasse o fim do mundo.

A Gênese – (Parte III – Capítulo XVII)

O ensino de Jesus é de clareza meridiana. Ele falou sobre a separação que está acontecendo, uns, os que coloca à sua direita, são os que permanecerão, e os da esquerda, os que irão para um mundo inferior.

Para os espíritas não existe o fim do mundo pregado pelos homens. Os grandes pensadores de todos os tempos, como os Maias, sabiam disso antes de reencarnar aqui.

Traziam a ideia de que haveria essa mudança e predisseram um determinado tempo para o final do mundo, mas não do mundo físico e sim do mundo moral.

O fim de mundo, segundo Jesus, é sua transformação. As leis de Deus são baseadas na Lei Maior que é o Amor e os Seus desígnios têm por fim a pureza e a felicidade de toda humanidade e não a sua destruição, o que demonstraria prepotência e falta de amor aos seus filhos.

Tudo na obra de Deus é perfeito e regido pela Lei Amor, essa a razão de sua tolerância, concedendo a todos oportunidades, tantas quantas forem necessárias, através das reencarnações sucessivas, com o objetivo de que todos possam tornar-se perfeitos e assim conquistarem a felicidade plena. As benesses divinas são distribuídas com justiça e cada um recebe segundo suas obras, de acordo com a lei do merecimento.

Conclusão. O tema fim do mundo domina as atenções nos dias atuais.

Além do que acima se contém, pode-se buscar na lucidez de Allan Kardec e na clareza dos Espíritos superiores o que ensinam sobre a intrigante questão, onde se enquadram mortes coletivas, transformação do Planeta e flagelos destruidores.

Os interessados em conhecer mais consultem O Livro dos Espíritos nas questões de 737 a 741 sobre flagelos destruidores, 258 a 273, 990 e 1000 sobre provas e expiações, em O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulo III, sobre as diversas moradas na Casa de Meu Pai, diversas categorias de mundos habitados até o final do capítulo.

Em A Gênese, capítulo XVIII, comentários elucidativos com o título “Os Tempos são Chegados.”.